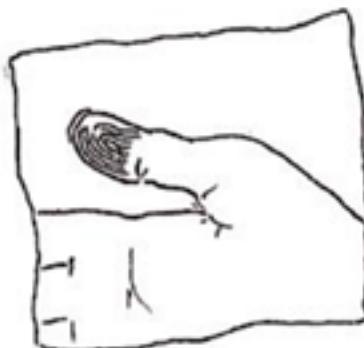
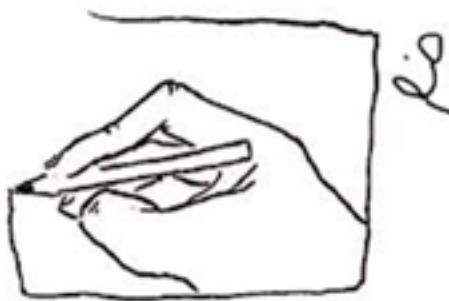


peteleco



que merda

no. 5

03 - 28

entrevista com alice porto

*rafa ribeiro, bella kacelnikas, icaro, aline goulart e
uma domênica*

29 - 38

breve relato sobre o projeto “estudos e experimentações do desenho e pintura digitais nas artes visuais”

emanuel antunes dos anjos, ricardo perufo mello

39 - 44 **conheça um artista**

érico noronha

chamada aberta

tirinhas

45 - 62

coluna recomenda

podcasts, músicas, textos, cinema e artes

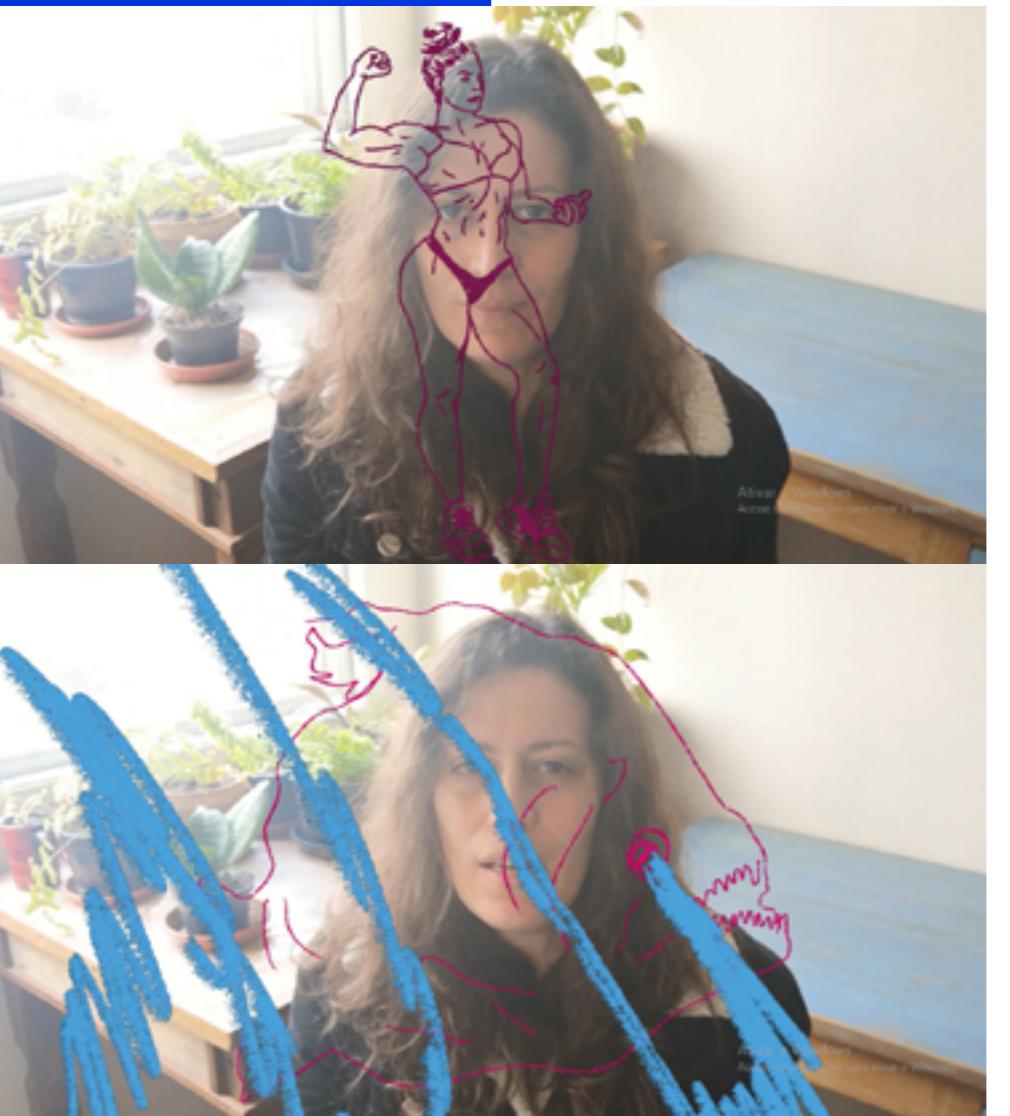
63 - 69

PETeleco. Aqui tudo começou com o grupo PET ARTES VI-SUAIS sob tutoria de Gilberto Sarkis Yunes em 1995, que iniciam o peteleco como um mini jornal, que trazia notícias do curso, convites para eventos e também novidades referentes ao programa PET - Programa de Educação Tutorial. Agora, damos continuidade ao projeto em formato de revista, chegamos na nossa quinta edição digital no web-lugar onde tudo e todos se conectam.

Pelas telas brilhosas dos computadores, celulares, televisores, tablets, leitores de pdf e demais transmissores da rede universal de computadores, viemos te dar esse peteleco. Então, se liga! Não deixe sua bateria acabar.

“Tinha gente que achava engraçado, tinha gente que achava que eu tava fazendo um elogio aos homens do feminismo, tinha gente que achava, sei lá. Teve muita gente que ficou indignada e eu acho isso um grande sucesso”

alice porto



ALICE: Ai legal, gurias! Primeiro, eu queria agradecer muito o convite, sempre fico muito feliz em participar de coisas da UFPel ou de Pelotas no geral, porque eu venho daí. Eu me formei na UFPel em 2008 para 2009, o calendário é um pouco estranho porque naquela época a gente teve um montão de greves e aí ficou tudo bagunçado. Então, eu me formei em gravura e na graduação eu trabalhava muito com isso, eu fazia bastante xilogravura e serigrafia, uns desenhos bem autobiográficos, mas acho que na época da graduação eu não tinha muito claro pra mim o que que eu tava fazendo... Eu fazia bastante, mas eu não sabia muito bem articular um discurso e acho que é normal, a gente é mais novo e demora um pouco pra encontrar as referências que conversam com a gente, não sei, às vezes são até limitações na biblioteca do curso né? Recen-

temente eu viajei pra fazer meu doutorado sanduíche, fui parar em Bruxelas e a biblioteca deles era... um sonho! Uma bibliografia atualadíssima. Agora eu tava vendendo minhas anotações e só de livros publicados em 2019, 2018. Às vezes a gente não consegue explicar aquilo que pensamos porque a gente tá enxergando e absorvendo as coisas do nosso tempo e isso vai parar no trabalho. Faltam palavras, faltam autores, artistas, muitas vezes não conseguimos enxergar qual é o nosso lugar nessa conversa. Então na graduação, eu custumo dizer que acho meu TCC lindo enquanto objeto, os desenhos e tudo mais, mas por favor não leiam o que eu escrevi! (risos) Mas faz parte da caminhada.... Que bom que já começo a conversa queimando meu filme, mas eu era jovem, uso essa desculpa. Vocês ainda podem usar essa desculpa, aproveitem!

BELLA: E como é fazer um trabalho de arte que tem um certo cunho político, não sei se político seria a melhor palavra, você pode comentar isso, mas sobre o provocativo e o subversivo. E, também se existiram mudanças no seu percurso, mudanças e descobertas, quais foram e como você chegou nesse lugar do provocativo no seu trabalho?

ALICE: Legal. Eu acho que político é uma palavra bem precisa, meu trabalho se coloca nesse campo, no lugar do político da arte feminista, com certeza. De certa forma eu sempre fui uma pessoa provocativa, mas isso demorou muito tempo pra entrar no meu trabalho. Por exemplo, quando eu olho para as coisas que eu fazia na graduação, o que mais me interessa hoje é o que não entrou no meu TCC. Coisas que eu fazia no meu tempo livre, mas que eu achava que não era sério o suficiente para poder ser Arte, porque eu tinha uma ideia do artista, tinha que ser... uma coisa quase sisuda, mas acho que justamente essas coisas que eu fazia quando eu não estava cobrando uma postura era o que ficava mais legal. Fazia umas gravuras super debochadas às vezes, entre o deboche e a arte erótica, por exemplo, que na época eu pensava "ah, mas isso aí é uma bobagem meu trabalho é outra coisa" e hoje em dia eu penso o contrário, penso que o deboche é que era a força. Sempre tive muito essa coisa de desenhar no canto do caderno, desde criança, eu achava muito chato ir pra aula e era um jeito de eu não estar ali, eu ficava inventando um universo paralelo na borda do caderno, muita gente faz isso, depois eu redesenhava essas coisas e fazia gravuras.

No mestrado, comecei a pensar esses esboços de canto com uma possibilidade de olhar para reorganizar, pensar a anotação no contexto do desenho. Comecei a ler sobre a ideia de anotação para escritores, como isso funcionava na literatura. Já no doutorado a coisa deu uma guinada muito forte para um outro lugar, mas me formei no mestrado, aí fiquei desempregada, virei padeira, aí passei num concurso pra dar aula de escultura na FURG - o professor substituto da aula de qualquer coisa que ele tiver que dar, eu era professora de escultura, de filosofia, de... nem me lembro - mas aí a mesma coisa, comecei fazer umas coisinhas no tempo livre, pra dar risada, pra me divertir com minhas amigas então comecei a ter umas ideias de uns textos curtos que eu publicava nas



redes sociais.

Um dia um deles ficou martelando na minha cabeça, uma bobagem que eu falei que achei muito engraçada, era uma paródia de uma música do Pepeu Gomes, um clássico dos anos 70, acho que o nome da música é “masculino e feminino”, que fala “ser um homem feminino não fere meu lado masculino”. Naquela época 2015, 2016, a gente tava discutindo muito sobre feminismo, todo dia no Facebook, então meu feed era basicamente dezenas, centenas de mulheres muito indignadas com as coisas. A gente lia teoria feminista, debatia, tentava pensar nessas coisas no nosso cotidiano, mas também pensando as dinâmicas das redes sociais, como é que estava se dando esse lugar do cyber ativismo e o que que tava acontecendo com as questões estéticas das manifestações né, principalmente, porque a gente começou a ficar muito revoltada com a maneira que os homens se apropriavam da estética do feminismo das manifestações pra fins, digamos... de sedução, quase sempre. Fazíamos muitas piadas sobre isso e nesse dia da música do Pepeu Gomes eu pensei “bah, ser um homem feminista não fere o meu lado masculinista”. Bobagem, uma bobagem total. Fiquei com aquilo dias martelando, “cara, e se eu desenhasse a foto desses caras da internet e fizesse uma espécie de livro de artista, meio quadrinho?”. Eu fiz, me animei e publiquei em risografia lá no Paraná. Imprimi e fui pra Feira Plana lá em São Paulo. A guria que imprimiu esse zine, ela tinha uma banca na Feira Plana e trouxe meu trabalho, então eu fui de gaiata assim.

Vocês sabem o que é a Feira Plana? Talvez seja bom dizer, acho que é a maior feira de publicação de artista que tem no Brasil, que é um negócio que acontece em São Paulo. Acontecia né... quando a gente tinha aglomeração (risos). Fui no início de 2016, era no MIS, Museu de Imagem e Som e era um lugar gigante com, sei lá, três andares cheios de bancas com tudo que é tipo de trabalho. Uma coisa maravilhosa.

R: Alice, temos uma pergunta mais pra frente que é sobre os “feministas”, mas como tu já trouxe eles, pode falar um pouco mais? E também da sua exposição aqui na Secretaria de Cultura de Pelotas?

ALICE: Ah, que legal que vocês foram! A gente faz e não sabe o que acontece depois, ainda mais que eu não moro mais em Pelotas. Esse zine em São Paulo foi um barato, as pessoas morriam de rir e eu troquei, troquei por zine de outras pessoas, troquei até por um livro da Clara Averbuck. E continuei desenhando, porque as minhas amigas se divertiram com a ideia e começaram a me mandar cada vez mais fotos, tipo “olha esse cara aqui da minha cidade, olha que absurdo!” e “ah, esse aqui não sei se tu já viu?”. Fiz uma pagina no Facebook pra publicar os desenhos e comecei a receber muitas fotos, mas eu não tinha pensado nisso ainda como um

projeto, foi uma coisa que foi acontecendo. Até que abriu a seleção pra doutorado e pensei por que não, né? Será? De repente alguém pode me querer pra pensar sobre imagem nas redes sociais, apropriação... Aí mandei, mandei pra UDESC e mandei pra UFRGS. A UDESC não me quis, mas problema é deles, daí fui pra UFRGS e tô na UFRGS agora. Então foi uma guinada radical porque o meu trabalho que era muito autobiográfico, muito de devaneios e de uma hora pra outra eu comecei a me interessar por essas articulações com a internet. Porque por mais que eu faça o desenho, eu faça o zine, eu faça não sei o que, tem todo esse trabalho anterior de pesquisa, toda essa conversa e isso me interessa muito, de criar um veículo pra ideias que são muitas vezes minoritárias dentro do movimento feminista. Agora eu acho até que banalizou esse tipo de crítica, mas no início, eu fui criticada. Aquelas coisas de sempre: louca, mal amada, radical, extremista, etc. Foi fora da minha bolha de feministas que tinha ideias afins, mas ai aconteceu um negócio maravilhoso, graças a deus. Teve o feminista que foi na passeata do *Ni Una a Menos* com um mega cartaz gigante... um cara bem bonito assim com corpo atlético, ele foi sem camisa com um cartaz que era “estou seminu rodeado de pessoas do sexo oposto, mas não me sinto ameaçado desejo o mesmo para elas.”

R: Ah meu deus...



ALICE: Vocês não viram isso? Isso aconteceu! Depois que eu já estava com a minha série de desenho de homens nas marchas. Essa foi a imagem mais compartilhada da passeata que era imensa do Ni Una A Menos, contra feminicídio. A imagem que mais rodou o mundo é de um homem sem camisa, pagando de sensível. E naquela época o que mais vi das minhas amigas, as menos engajadas, não as feministas né, publicando e compartilhando essa imagem... como quem diz “isso sim que é feminismo de verdade” (risos), umas coisas assim. E eu só olhando e me sentindo até meio alfinetada, mas fazer o que né, o mundo é assim, diversidade de visões.

R: Eu tô muito chocada.

ALICE: É chocante, mas não chegou na parte mais chocante (risos). O cara foi ovacionado por ser lindo, maravilhoso e sensível. Até que a ex-namorada dele viu e ficou indignada, publicou na página dela um texto reclamando, dizendo “Vocês ficam compartilhando a imagem desse cara, mas ele é abusivo, não paga pensão, batia em mim, ele não sei o que...”.

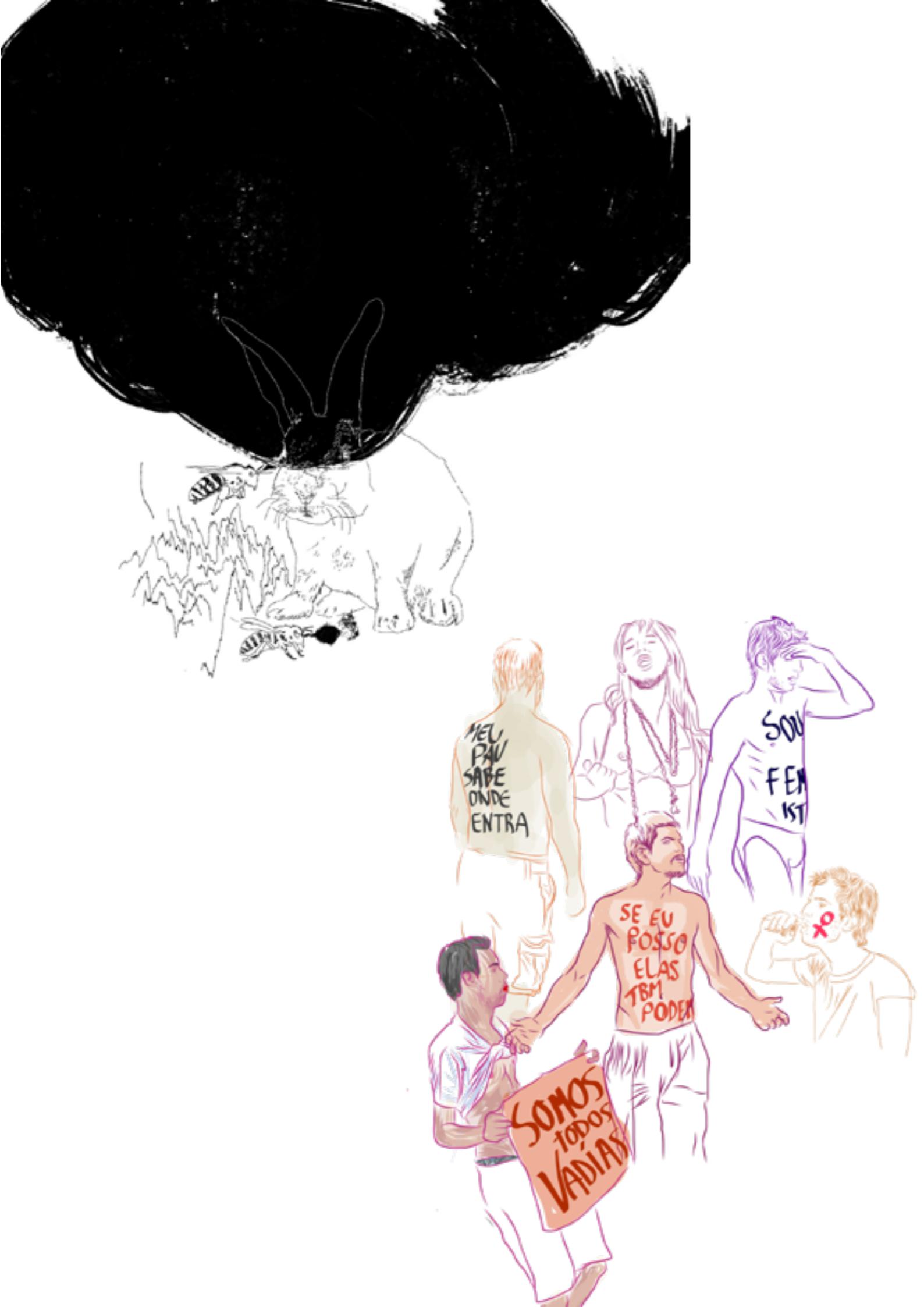
VANESSA: Eu acho que eu lembro desse texto dela, agora que você falou que eu fiz a ligação. E que mulher que já teve uma relação heterossexual que não se identifica de certa forma com isso, né? Tem que desmascarar esses boys aí que tão se fazendo de feministas pra ganhar, sei lá, confete, né?!

ALICE: Capital social e capital erótico (risos). Eu não sei, mas eu fico pensando pra que vocês amam isso? Pra que existe essa necessidade de aplaudir homens desse jeito?! O cara conseguiu invisibilizar milhares de mulheres que estavam na marcha, por quê? Porque ele tinha um abdômen malhado? Por que a gente faz isso, sabe? Eu penso muito sobre isso.

R: A gente acredita muito, né? Quero muito acreditar que eles possam ser alguma coisa melhor, mas assim...

ALICE: E como é que isso contribui pro movimento? O que que a gente ganha com isso? É muito cansativo. Eles tentam imitar as mulheres ao invés de parar e pensar o que pode ser feito, “como é que posso me tornar um ser humano melhor, de verdade...”. Ah, e tem um detalhe muito bom da história desse cara que eu me lembrei agora, a ex namorada dele ia ir na marcha, mas ela não pôde por que no dia o cara ia cuidar da filha deles e ele falou “não vou poder”, foi na marcha e ela não. Assim, por que a gente quer tanto ver homens falando, todo tempo, em todos os lugares? Por que tem que sempre ter um homem? Isso vem entranhado na nossa socialização e da mulher hétero pior ainda. Porque elas olham ao redor e veem esse mar de desgraça e querem acreditar “Não, vai vir esse príncipe encantado, que vai chegar com a barba florida, num cavalo branco e vai me salvar”, só que é muita ilusão, né.





DOMÊNICA: Eu acho que isso conversa muito com a próxima pergunta, que é sobre como você se entendeu primeiro, artista ou feminista, como que se deu esse reconhecimento também e se existe separação. Como isso se articula dentro de você?

ALICE: Ah, eu acho que primeiro fui artista. Depois eu era feminista e artista, mas o meu trabalho não tinha nada a ver com feminismo inicialmente. E eu me sentia meio mal, pensava “pô, mas eu sou artista era pra conseguir fazer alguma coisa”. O que eu acho também é que o trabalho segue seu próprio caminho, a gente não manda tanto assim nele. Eu, durante um tempo, também fui estudante de física e achava que devia conseguir fazer um trabalho sobre arte e ciência, porque eu achava isso o máximo, mas nunca fiz, sabe?! Tentei fazer e não ficou legal. Eu acho que as coisas tem que vir do que a gente tá enxergando e levou muito tempo pra mim. Eu comecei a participar mais ativamente do ativismo lá por 2012, mais ou menos, e esse trabalho dos feministas eu comecei a fazer em 2015. Então teve um tempo de maturação da ideia ou de enxergar uma brecha. No meu caso, a brecha foi um post.

D: Muito legal porque se relaciona com o que você falou da questão do tempo também. É tudo muito atual, é muito sobre o que estava acontecendo naquele momento, é o que estava efervescente e, realmente, o Facebook em 2015 era caótico... (risos) tinham os grupos, todo mundo muito... posicionado?!

ALICE: Deu guerra. Eles derrubaram o meu perfil. Mais de uma vez e eu quase perdi um negócio super legal inclusive, a Revista Bravo quis me entrevistar e eles entraram em contato comigo pelo Facebook, só que eu estava sem meu perfil e quase não vi.

GURIAS: Nooossa....

ALICE: Os masculinistas ficaram revoltadíssimos comigo. Eu adoro esse trabalho enquanto repercussão, porque dava de tudo... Tinha gente que achava engraçado, tinha gente que achava que eu estava fazendo um elogio aos homens do feminismo, tinha gente que achava, sei lá. Mas teve muita gente que ficou indignada e eu acho isso um grande sucesso.

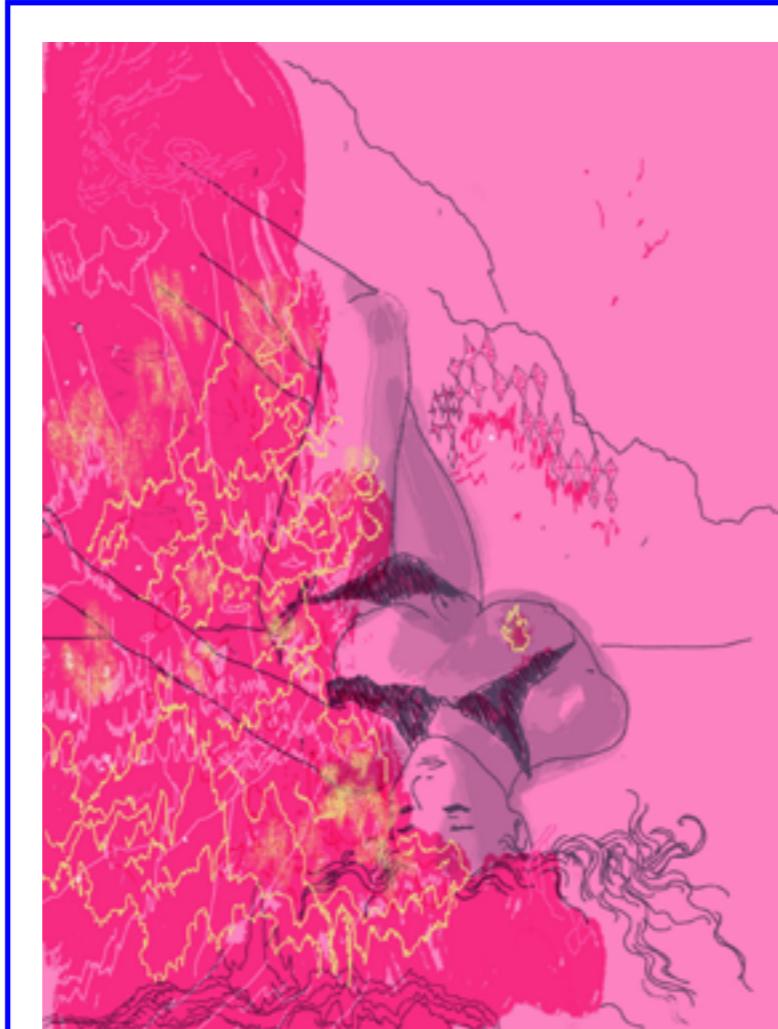
R: Que loucura ter que sobreviver até no facebook, né? Ter que ficar lutando pra continuar ali com seu próprio perfil ativo.

ALICE: Depois eu cansei um pouco de discutir no Facebook e eles param de derrubar o meu perfil.

V: Eu acho muito interessante tu ter isso da arte erótica, porque a minha pesquisa ela é bem voltada sobre isso. E me interessa perceber que as perspectivas nem sempre tratam da dor e da violência diretamente, né?! Várias artistas feministas caem nessas temáticas da opressão de uma forma mais evidente e vejo que tu traz isso com humor, ironia. Queria saber se isso foi bem consciente, como se deu e como é que tu enxerga essas diferenças, da questão da ironia e do humor e da violência e da dor?

ALICE: Ah sim, é bem consciente sim. No momento que assumi isso no trabalho comecei a fazer outras coisas também, participei de um projeto que era de performance, eu lia e escrevia uns poemas e aí o deboche vai escalando e pretendo continuar. Eu acho que o humor é, além de tudo, uma ferramenta pra lidar com a dor e com a violência. Porque não existe fazer ativismo dessas tais minoritárias, seja ela feminismo, movimento negro, movimento LGBT... sem estar o tempo inteiro lidando com “mataram, estupraram, esfaquearam, jogaram ácido na cara...” é olhar pra essa realidade, que é bastante adoecedora, pesa e se acumula cada vez que se ignora. Enquanto comunidade de ativistas, a gente tá sempre correndo esse risco de adoecer mentalmente, se deprimir, então é uma parte de uma estratégia pessoal minha, de conseguir e de tentar ri do absurdo também, que acompanha essas coisas. E compartilhar isso com as minhas amigas e com mulheres que eu não conheço e com homens também, alguns que fazem um esforço maior de consciência, não nego que eles existam, eu só não acho que eles são maioria (risos). Mas, pra mim também é uma coisa política a gente tentar manter, criar maneiras de sobreviver a isso, sabe? Se adoecemos não tem como contribuir. Tem muitas conhecidas que começaram a não ir nas reuniões e nas coisas e porque não tavam conseguindo sair de casa, por que

tavam deprimidas... E não acho que seja mágico assim, ah! vou ver um quadinho, um desenho, que vai me fazer rir, eu vou estar salva! Não é, mas acho que fica mais fácil, sabe? Mas essa é a minha maneira de lidar. Eu também acho que outras artistas que abordam de outras formas, que são mais pesadas, acho que tudo faz parte do mesmo problema e é por isso que é importante que a gente seja muitas, cada uma de uma forma diferente pra contribuir.

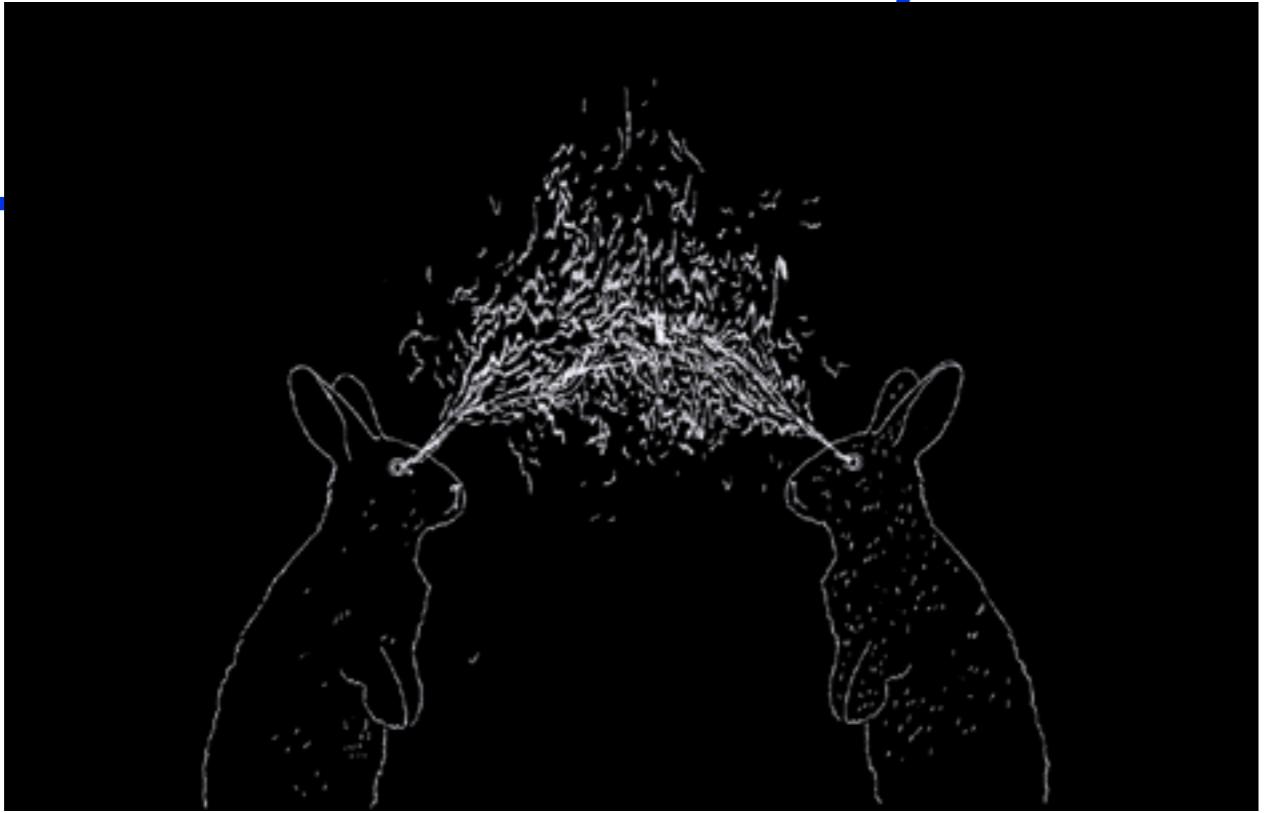
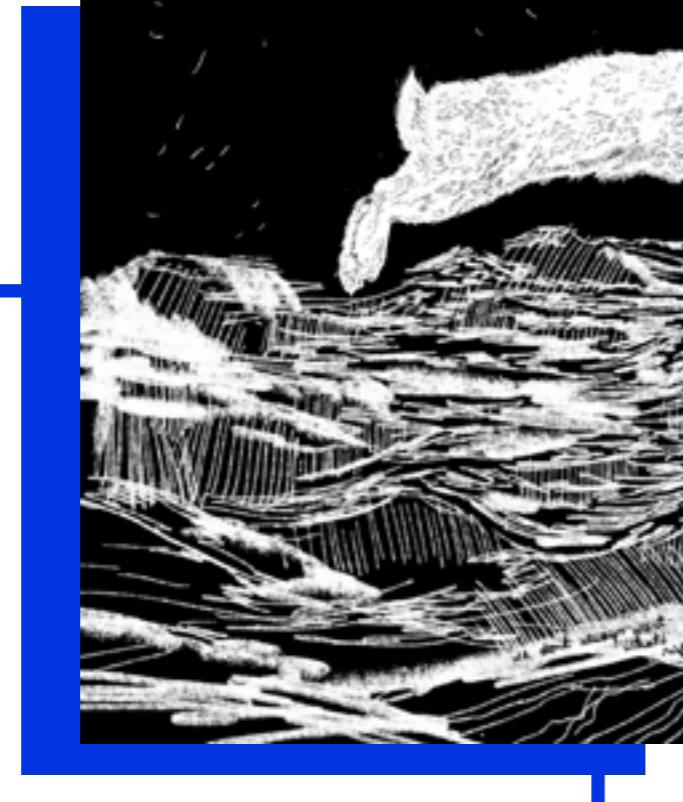


R: É verdade... A próxima pergunta é um pouco mais em relação ao teu processo criativo, assim na prática, como que ele se dá entre desenho, gravura e tudo mais? E quais são tuas principais referências hoje? E como que tu acredita que elas te influenciam?

ALICE: Aham... Meu processo criativo... Olha, meu processo criativo ultimamente tem passado muito por esse lugar das redes sociais. Tanto nesses trabalhos que eu já mais ou menos descrevi pra vocês, das fotos que eu recebia, que já não faço mais, fiz durante uns anos... Mas mais recentemente, na Banda de Garotas Instantâneas, um projeto de performance poético, sonoro e visual também, a minha parte no projeto tem mais a ver com a questão do texto, então esses textos eu acabo pegando de anotações que eu faço nas próprias redes. Eu gosto de pensar nesse lugar da conversa, do cotidiano, assim como foi esse trabalho do livro de artista Ser um Omi Feminista, que foi a partir de um post que eu fiz no Facebook e depois se desdobrou.

Eu tenho um arquivo de anotações de coisas que eu escrevo nas redes sociais, porque eu penso as redes sociais como esse lugar que tem um pouco de zine, um pouco de diário, um pouco de lugar de encontro, escrever ali é diferente do que escrever num caderno, por exemplo, então eu vejo um pouco as redes quase como uma atualização ou um paralelo de caderno de artista. Tô sempre com o celular no bolso, aí vi alguma coisa e fiz uma foto ou pensei alguma coisa e fiz um comentário. De repente vem outra pessoa e complementa, isso acaba ficando ali numa espécie de substrato de ideias, de reações, de observações e depois eu revejo, reorganizo esse material e outros trabalhos vão se criando assim.

Os últimos trabalhos que eu fiz partem muito desse lugar... Mas os referenciais que tu perguntou, né? Ai, é muita gente! Deixa eu colar aqui. Eu estava me lembrando... Ah sim, um referencial que é muito importante pra mim é da Arte Pop, o Richard Hamilton. Ele tem uma gravura feita com uma colagem de fotografias da Marilyn Monroe, que ela tinha interferido pra dar instruções para a revista, pro fotógrafo da revista, do que que eles podiam publicar, do que eles não podiam publicar, o que ela tinha achado de uma ou de outra foto. E, eu acho que quando ele faz isso ele tá se apropriando do processo de edição da imagem de si, que é mais ou menos o que a gente também faz hoje nas redes sociais, que é um processo que me interessa muito. Como é que tu escolhe a maneira como tu quer ser visto? Como é que cada um faz essas escolhas? Tanto no caso das minhas publicações que depois utilizo para trabalhos, quanto quando eu observo esse processo de criação das personagens dos ou-



tros, como no caso dos feministas também. Então, quando eu utilizo fotos que eu recebo... Tem uma série que eu amo, eu amo o material que eu recebi assim, que foi impossível não usar, várias mulheres diferentes de vários lugares diferentes do Brasil começaram a me mandar printscreens do Tinder, de homens usando fotos em marchas feministas, no Tinder! Eu pensei assim, cara isso tá pronto já né?! Uma coisa incrível, como é que pode... Aí eu vi que já tinha um conjunto e fiz uma série de desenhos a partir disso.

Eu vejo que é um processo muito semelhante ao do Richard Hamilton, nesse outro trabalho, nesse outro contexto, mas ainda falando sobre vidas de massa, construção da imagem, apropriação da imagem dessa mídia mais vernacular pela arte, pelos artistas e o que isso pode nos trazer. O que os meios de comunicação podem nos trazer assim também como possibilidade de refletir sobre a imagem, sobre propósitos de imagem, uma espécie de crítica cultural, enfim... Então esse trabalho pra mim é muito embrionário pra pensar sobre, pra conectar com as questões da arte. Aí também gosto das mulheres debochadas né, tenho uma coleção. Eu adoro muito a Tracey Emin por exemplo e talvez até mais os comentários que ela faz nas entrevistas e nas mídias do que o próprio trabalho. Porque eu acho que parte do trabalho da Tracey Emin também é criar essa persona e o trabalho dela é muito autobiográfico. Ela é muito sarcástica, e visceral, e explícita. Aí tem as argentinas do Povo de Gachina Negro também, que fizeram participações em programas de TV. Elas foram em um que era uma coisa meio Ana Maria Braga quase, só que elas levaram uma proposta de performance que ficavam debochando do apresentador. Eu gosto desse tipo de confronto assim, de tu chegar e se colocar numa espécie de embate contra coisas que se ninguém diz nada, que ninguém se posiciona e que acabam passando por normais, quando na verdade elas só são comuns. E eu gosto muito dessas mulheres, não me lembro o nome, eram duas artistas argentinas sensacionais, que eu to esquecendo... E as clássicas né, as Guerrilla Girls. Aquela postura delas de inverter os discursos oficiais das galerias. O Cildo Meireles também, as coisas que ele fala sobre a circulação das imagens e o papel político da arte, ele também me influenciou muito, influencia ainda. E achei muito legal, agora quando eu tava estudando em Bruxelas, como o Cildo Meireles é um referencial internacional mesmo. Eu tava pesquisando lá na biblioteca deles e comecei a ver uns textos do Cildo em inglês, dá um orgulhinho nacional. Sei que o nacionalismo é um sentimento feio, mas a gente é cachorro chutado, tem que aproveitar o pouco de espaço que a gente consegue no cenário internacional... Acho que respondi todos.



B: E como é pra você revisitar o seu trabalho? As coisas que passaram e que vem vindo é sempre uma construção? Você costuma revisitar seu trabalho? Tem esse costume de voltar nos seus cadernos, desenhos, anotações ou você só vai vivendo o momento?

ALICE: Não... Eu revisito muito, agora na quarentena foi só o que eu fiz, eu acho. Eu guardo assim ó (mostra os desenhos no vídeo), de uns desenhos muito velhos até uns que eu acho horríveis, mas eu acho que tinha uma ideia ali e tal. Eu volto muito. Agora eu reencontrei uns que fiz, que falei pra vocês ali da época da graduação. Teve uma xilo que na época achei que era uma bobagem, mas agora está pendurado na parede da minha casa aqui. Era uma coisa assim... “Nobody wears fancy in wonderland”, que era um trocadilho com meu nome e tal. É, uma bobagem né?! Sei lá! Mas já era buscando uma certa disposição pra rir de si mesmo, por exemplo. Eu tenho pastas, pastas e pastas. Os desenhos vão se mexendo e as notações daqui pra lá de lá pra cá. Até eu gosto muito de rever porque às vezes a gente vai, vai, vai e anda, anda, anda, se questiona e muda de ideia e vai aprimorando a visão que a gente tem sobre o que a gente faz. Mas às vezes tu encontra uma anotação num caderno lá do início da graduação que sempre esteve aqui, por que eu não consegui, na época, dar importância pra tal coisa? E aí passa por diversas vezes assim, por filtros. Então uma vez a cada não sei quanto tempo eu baixo tudo, uma parte vai pro lixo, outra parte eu paro pra rever, dou uma segunda chance ou uma terceira chance... uma milésima chance. Como conversar consigo mesmo assim, tentar entender... eu acho que o legal disso é tentar entender o que é aquilo que permanece? O que é aquilo que nos move? Porque nem sempre é claro de ver, esses registros acabam sendo legais pra tentar entender o que são as nossas obsessões, e o que isso pode dizer do nosso trabalho?

V: Sobre Bruxelas, você comentou e se tu puder falar um pouco mais sobre, tanto ter estado lá vendo o Brasil de longe, quanto representar o Brasil lá.... Você diria que essa saída internacional teve algum efeito no teu trabalho? E, como enquanto brasileira, o teu trabalho repercutiu lá? Como foi essa resposta?

ALICE: Legal! Com certeza mudou. Eu fui pra lá com uma ideia muito clara de que eu tava de passagem. Eu sou brasileira. Eu nunca vou ser gringa. Até estava assim, me protegendo de um certo possível deslumbramento, de achar que a Europa é tudo lindo e maravilhoso, e o Brasil é uma droga. E sim, o meu trabalho passou por bastante mudanças lá. Tanto pelas coisas que eu estava vendo quanto percebendo, enfim, fui testando no meu trabalho justamente pra ver se ele faz sentido fora do Brasil, como é que ele circula... E fiz alguns trabalhos também falando desse trânsito e minha orientadora de lá ajudou muito, ela foi incrível, maravilhosa, inclusive saudades. Meu trabalho fala muito sobre o Brasil, mas ao mesmo tempo tem coisas que são internacionais, essa questão do papel dos homens no feminismo. Pra eles lá fez sentido, mas eles ficaram um pouco chocados com o tanto que eu sou... braba (risos). Mas as mulheres brasileiras tem muito mais motivos para estarem putas! A vida da européia tem problemas até né, nada é perfeito, mas a nossa vida, o machismo no Brasil é muito pior gente, muito pior, eu caminhava na rua lá tranquilamente. Não vou dizer que não passei por situações, passei também, mas raras. Eu não me arriscaria a fazer as coisas que eu fazia lá, aqui. Minha orientadora falava assim “Algumas pessoas podem ficar chocadas e tal, mas faz, faz, faz”, ela sempre botava pilha. E foi um barato, dei aula lá pros alunos do mestrado, foi muito legal, eles tinham muito interesse em saber. Em Bruxelas, fui a primeira do meu programa a ir pra Bélgica, historicamente as pessoas vão principalmente pra França ou Portugal, ninguém nunca foi pra Bélgica, e Bruxelas é muito legal porque é a cidade mais cosmopolita do mundo e esse curso que eu fui estudar, nessa universidade que é super maravilhosa, tinha gente de tudo que é lado. Então eu senti, por exemplo, que os alunos que também tinham algum contexto de opressão, se identificavam muito e ficavam super interessados, ficavam fazendo mil perguntas. Eu fui fazer uma fala lá e acabei ficando, almocei com eles, fiquei de tarde também. O pessoal que vem, por exemplo, de países que estão em guerra, refugiados, eles ficavam muito interessados. Teve gente que não gostou também né?! Normal! mas no fim acho que deu super certo. Agora meu trabalho tá lá numa galeria e sou representada por uma galeria em Bruxelas. Só na Bélgica, no Brasil eu não sou representada (risos).



D: Ah, eu queria aproveitar essa margem pra perguntar sobre o reconhecimento artístico. Como que foi passar também desde a graduação em Pelotas e ir pra outros lugares, agora também no internacional, como que esse corpo artista é visto nesses lugares por onde você passou?

ALICE: Ah, eu acho que tem mais de uma coisa que influencia, Pelotas é um lugar que não tem um mercado de arte por exemplo, daí a gente fica fazendo porque a gente acredita, porque a gente acha legal, porque a gente compartilha com os amigos. Geralmente é isso, é um circuito muito afetivo, o que eu acho que também é muito legal, porque eu vejo coisas que acontecem em Pelotas. Se faz na garagem de fulano de tal, no café, no não sei aonde e alguém faz e as pessoas vão, é muito autofágico. Porto Alegre é um pouco diferente, mas não é tanto, Porto Alegre tem duas galerias comerciais, eu acho, tem a Mamute e a Bolsa de Arte. É um circuito muito fechado também porque se a gente for ver o eixo da arte, enquanto mercado, passa por lugares lá fora, né? Tá lá na Europa. Tipo, agora eu estava bem perto onde a coisa realmente se dá nesse sentido de mercadoria, aqui a gente tem o eixo Rio x São Paulo e um pouquinho Belo Horizonte. Porto Alegre é uma capital, mas uma capital longe

pra caramba. O Rio Grande do Sul tem muito essa característica de consumir a si mesmo e Porto Alegre é estranho porque tem uma dificuldade de enxergar o resto do estado. O circuito fechado aqui em Porto Alegre são dessas pessoa que tão aqui, que sempre foram daqui, que são filhos de fulano, que não sei o quê. Todo mundo se conhece, então faço parte mas, ao mesmo tempo, não muito. E aí em Bruxelas... Eu era a exótica né, (risos) eu era a brasileira, mas como lá é um lugar muito cosmopolita, metade dos moradores da cidade nem são belgas, o que faz eles terem uma abertura muito legal para estrangeiros. A minha orientadora foi uma pessoa muito legal, que me apresentava pras pessoas, que me colocou pra ter uma fala no curso, me fez sentir muito acolhida nessa universidade e Bruxelas é um lugar acolhedor também pra quem vem de fora. Diferente por exemplo, de Londres, que é um horror. (risos) Mas aí eu achei fácil de conversar com as pessoas, de participar dos eventos.

Tem uma galeria lá que é muito voltada para gravura e comunicação de artista, maravilhosa, a Galeria Grafique, fui numa exposição, em duas, achei o lugar lindo, adorei os trabalhos, achei tudo maravilhoso. Ai estava falando com a moça lá, dona da galeria e eu falei “Pois é, ontem eu imprimi uma primeira serigrafia.” e ela “Ah deixa eu ver”, aí eu mostrei uma foto e ela “Ai que incrível, você não quer trazer teus trabalhos?”. É uma coisa super de uma hora pra outra, eu falei é claro que eu quero. Fui no outro dia com meus trabalhos e eles estão lá agora e tão sendo comercializados, então não sei, acho que dei muita sorte, mas também acho que se tivesse chegado lá com meus trabalhos da graduação... ou de outro tempo, porque também acho que precisei de um tempo pra eu conseguir desenvolver um trabalho que eu goste... Eu acho que meu trabalho é muito mais maduro agora. Se eu trouxesse uma pasta com os desenhos e gravuras da graduação pode ser que a moça dissesse “Ah, tá bom, vai lá trabalhar mais e depois a gente conversa” (risos).

Por um lado se mover é importante, porque às vezes a gente passa muito tempo parada no mesmo lugar e aí digamos cidade pequenas, onde tem muita fofoca e as pessoas acham que já te conhecem e já sabem tudo o que tu tem pra oferecer, aí tu começa a não conseguir se mover mais, então só o fato da primeira vez que eu saí de Pelotas e fui estudar em Rio Grande já foi muito bom pra mim, porque ninguém me conhecia, então eu estava podendo recomeçar. Toda vez que eu me mudei pra um lugar diferente outras portas se abriram, então pelo menos na minha experiência pessoal, além de abrir outras portas também se abrem outras perspectivas. A gente pode aprender com pessoas novas, pensar os mesmos assuntos de outros jeitos. Quando eu vim pra Porto Alegre foi super bacana, acho



que meu trabalho foi primeiro valorizado aqui do que em Pelotas. O professor Paulo Silveira trabalha bastante com livro de artista, sempre achou legal meu trabalho, recentemente mandamos pra França um zine que a gente fez às vezes a gente acha que tá estagnado. E eu acho que se tivesse ficado em Pelotas ia estar profundamente deprimida, eu não sei o que estaria fazendo hoje (risos). Foi super importante sair... É legal também Pelotas... Mas é que chega uma hora que... É que eu acho que vocês pegaram uma fase muito mais legal de Pelotas, porque Pelotas pré Enem, meu deus... Meu deus... Era muito...

V: Realmente bem fechado, antes só quem era da cidade ingressava e deixava que a universidade fosse só elite, elite da cidade, era só sobrenome... Fulaninho passou para direito, Fulaninho passou pra medicina... Não que isso não aconteça mais, mas diminuiu muito... O Enem e o Sisu quebrou isso, deu uma pluralidade linda... absurda! E eu sou mais apaixonada pela UFPel hoje do que já fui em qualquer momento.

ALICE: Melhorou muito, sem comparação, porque naquela época o que tu tinha era o pessoal de Pelotas e o pessoal que vinha do interior ainda, então era muito conservador e aí se tu tinha alguém que era um pouco questionador, um pouco esquisito pras normas, tu ficava estigmatizado.

B: Não dá nem coragem de afrontar né? (risos) Eu sozinha no meio de um monte de louco não tenho coragem.

ALICE: (risos) Eu afrontava bastante né, isso me trouxe muitos problemas. É que às vezes tu é tão terrorista, mas tão terrorista que tu vai parar na Europa (risos). Acreditem! Olha o nome do meu projeto de pesquisa que absurdo, eu nem acredito que funcionou e ainda passei em primeiro lugar. Era... Como é que era... “Apropriações e deslocamentos nas linguagens artísticas: O sarcasmo como potência poética.” (risos). Deu certo, gente! Sabe? Então, às vezes, uma hora dessas a gente consegue cavar um buraco e inventar um lugar pra gente.



B: Eu vou fazer aqui uma pergunta agora meio que nesse lugar a fim de revisitar Pelotas. Você passou por aqui, você foi embora e aí você recentemente esteve aqui de volta, teve a exposição na SECULT e também em 2019 você fez a curadoria da exposição “Campo Minado” ali na galeria A Sala, do Centro de Artes, só com artistas mulheres. Queria saber como que foi esse processo, como é enxergar a curadoria e como é fazer uma curadoria que seja política e diferente? Porque pra muita gente a curadoria é só fazer uma organização do que estão te entregando e é muito diferente fazer uma curadoria de uma coisa que tem uma proposta, uma política... E se seria possível fazer uma curadoria sarcástica (risos)? Com um significado “a mais”.

ALICE: Ah, que legal! Pois é, eu nunca tinha feito uma curadoria na vida, também não fiz nenhuma depois... Foi um convite da Kelly Wendt e era um desejo que a gente tinha já há um tempo, de visibilizar uma produção que estava tendo em Pelotas, que eram muitas mulheres fazendo arte e assim, algumas ligadas a um contexto feminista, outras não necessariamente, mas percebi que tinha essa efervescência, essa mobilização, esse desejo, essa gana, sabe? Pelotas acho que desde que as mulheres começaram a pixar as ruas loucamente, isso gerou um efeito no ambiente que, a sensação que dava era que “agora a cidade é nossa”. E eu quis tratar um pouco disso, mas foi um pouco estranho pra mim, porque eu estava longe ao mesmo tempo né, mas sinto sempre que eu não saio de Pelotas. Eu dou um passinho pro lado, mas to sempre em contato porque... Minha família, meus amigos, as paisagens da minha memória. Então agora, por exemplo, eu to morrendo de saudade de Pelotas. Eu falo mal, reclamo e tal, mas eu volto. E quando estava em Bruxelas fiz um trabalho pra Pelotas, pra aquela proposição da Helene Sacco que era aqueles posters, que o pessoal fez o varal... Eu esqueci o nome agora.

V: Eu que colei o seu lambe!

ALICE: Ai que legal (risos)! Então, eu fiz ali pensando numa ponte entre Bruxelas e Pelotas, porque era um monumento... Não era um monumento exatamente, é um sub monumento, uma versão feminina do monumento mais famoso da cidade, mas que quando tu vai procurar tu não encontra nenhuma informação, parece que é uma coisa que fizeram meio que só pra ter uma versão feminina, sem pensar muito. Como a versão feminina do pac man por exemplo, que é ele com lacinho. É uma coisa que tu pergunta, pesquisa e ninguém sabe te dizer muito daquilo, mas tá ali, aquela fonte da guriazinha fazendo xixi que fica na frente do maior bar do mundo. Fiquei pensando na questão do xixi em Pelotas e naquela manifestação das mulheres no ICH da UFPel, que elas mijaram num balde, e como que a gente faz muito xixi na rua no Brasil, sabe? Em Pelotas é a coisa mais comum, aquela fila quilométrica no Zé e tu resolve que não, vamo todo mundo de galera ali na esquina, faz uma coisa, estica a saia pra esconder a amiguinha, isso é muito BR, isso é extremamente Pelotas e isso não existe lá, porque lá... Em primeiro lugar que a gente bebe cerveja aqui e a nossa cerveja é pura água, então a gente fica a noite inteira bebendo uma, duas, três, vinte e aí é diurético e tu passa a noite inteira fazendo xixi. E lá é uma cerveja punk, elas são muito fortes, tu bebe duas, três, já não consegue beber muito mais do que isso, se não tu já começa a arriscar perder completamente a consciência... Começa por aí. E em qualquer bar tem banheiro, tem papel, sabe? Eles são ricos, é diferente. Então pra ver uma mulher fazendo xixi na rua, tu não vai achar, tu só vai achar uma estátua e aqui é o contrário. Eu pensei "Bah, que legal né", porque a estátua do gurizinho fazendo xixi, que é o Manneken Pis, é o símbolo... É a estátua mais famosa da Bélgica, que tem toda uma história de subversão do gurizinho fazendo xixi... A minha orientadora, eu ouvi várias explicações, tá? Mas a que eu mais gosto é a da minha orientadora, que não sei se é verdade ou não, mas é a que vou usar, que simboliza a ideia surrealista belga da micro subversão cotidiana, de estar fazendo xixi e não estar nem aí pra nada, a ideia do xixi como subversão. Ao mesmo tempo tem a guriazinha fazendo xixi e ninguém fala sobre ela. Pensei, vou eu me apropriar dessa imagem para criar uma mitologia belgo-pelotense do xixi subversivo. Então eu estava lá falando daqui, eu to aqui falando de lá, então eu nunca saio de Pelotas, na verdade, no fundo eu to sempre falando sobre Pelotas.

V: A gente tem uma última pergunta... Estamos tristes de encerrar a entrevista porque tá sendo uma conversa muito maravilhosa, mas a gente tem que encerrar pela quantidade de texto que vai entrar na revista. Essa última pergunta é bem importante pra nós, passamos por um processo de seleção do PET recentemente, que a Domênica e a Bella entraram inclusive, e essa pergunta foi feita no processo de seleção. Queríamos fazer essa pergunta pra você para encerrar, ela é meio subjetiva, mas tem tudo a ver com desenho... Se você fosse uma linha, que linha você seria?

ALICE: Sério? Gente! Meu Deus! Olha como a UFPel ficou muito mais louca depois que eu fui embora! Caramba! Eu não sei, gente, eu não ia ser selecionada pro PET. Ai uma linha... Acho que eu gosto da linha do cabelo, que ela é imprevisível, ainda mais que meu cabelo fica todo armado e perigoso e eu me identifico muito. (risos)



BREVE RELATO SOBRE O PROJETO “ESTUDOS E EXPERIMENTAÇÕES DO DESENHO E PINTURA DIGITAIS NAS ARTES VISUAIS”

EMANUEL ANTUNES DOS ANJOS
RICARDO PERUFO MELLO

O Curso de Desenho Digital, ação principal do projeto de extensão intitulado “Estudos e Experimentações do Desenho e Pintura Digitais nas Artes Visuais”, sob coordenação do professor Ricardo Mello, foi constituído a partir da ideia e do desejo de se organizar um grupo de estudos que contemplasse o desenho e a pintura desenvolvidos em plataforma digital. A partir de um contato inicial, no primeiro semestre de 2018, o grupo de estudos começou a se formar, composto por discentes do curso de Artes Visuais Licenciatura.

Dessa forma, um curso de desenho digital foi planejado como forma de compartilhamento, desenvolvimento e troca de conteúdos e práticas. Tendo como ponto norteador, ao longo dessas produções e discussões, o aspecto criativo e criador que podemos encontrar e investigar (também) no desenho digital. Posto que – por se tratar de uma imagem de construção digital que pode simular visualmente múltiplas formas e superfícies diferentes – o desenho digital possui uma gama considerável e específica de possibilidades, de resultados estéticos, de modos de feitura de imagens e, ainda, de produção de um trabalho que pode promover inserção num mercado de ilustração. No sentido de poder se trabalhar também na área do design gráfico, produzindo-se cartões de visitas, flyers, identidade visual, entre outros – a partir do desenho digital. Assim, o planejamento da metodologia e conteúdos do curso consideraram esses objetivos, especificidades e caminhos possíveis das técnicas abordadas.

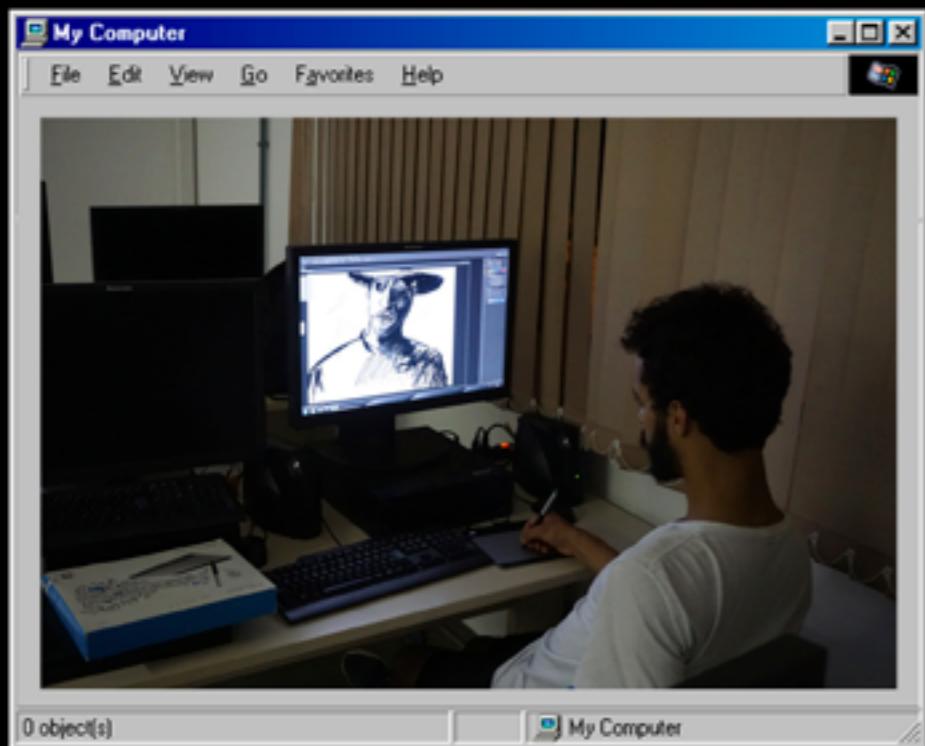
*

*

*

No software digital todos os tipos de materiais de desenho e pintura estão tecnicamente disponíveis de maneira simulada e apresentam semelhança visual em relação as propriedades físicas e concretas dos materiais originais. Dispõe ainda a possibilidade de distorção dos traços do desenho, de edição após o esboço finalizado, ou de ajuste das proporções sem a necessidade de se apagar (e perder) o desenho ou ter de refazê-lo, como é o caso no desenho tradicional. As características concretas visuais dos materiais digamos, “analógicos”, podem ser encontradas também no trabalho em plataforma digital. O software selecionado para o desenvolvimento de trabalhos digitais no curso foi Adobe Photoshop, tendo como ferramenta as mesas digitalizadoras, que simulam o manuseio do lápis no papel.

A oferta de turmas do curso teve início no segundo semestre de 2018, com 8 encontros semanais previstos. Por questão técnica foram ofertadas apenas 11



vagas, já que esse era o número de mesas digitalizadoras disponíveis no laboratório digital do Centro de Artes que foi usado para a atividade. Através de um link para inscrição os interessados preenchiam um questionário, informando sua familiaridade com o assunto, e quais eram seus objetivos e interesses relacionados com o curso. A primeira turma teve uma média de 30 inscritos. Os critérios de seleção consideravam o nível de experiência prévia com o desenho digital e se havia interesse numa carreira profissional na área, ou se a intenção era apenas a de ampliar seu repertório de conhecimentos. A seleção final dos inscritos considerou principalmente os interesses e experiências diversificados, pois acreditamos que essa diversidade pode proporcionar um aprendizado coletivo mais completo e abrangente. Nesse sentido, a proposta do curso é reunir pessoas de interesses e níveis diferentes de conhecimento e prática com as técnicas do desenho digital, bem como com distintas perspectivas sobre Arte e sobre possibilidades do desenho.

O curso não tinha o objetivo de ensinar isoladamente técnicas específicas e pré-determinadas de desenho digital, mas sim ajudar os participantes a desenvolverem e repensarem seus próprios processos de criação. Isto é, os processos que compreendem desde o momento de trabalho inicial até o produto final. Durante o curso foi incentivado que os participantes trabalhassem de maneira livre e de acordo com o que achavam que deveriam praticar.

Estimular o processo criativo e o pensamento crítico sobre a sua própria prática foi um dos principais objetivos do curso. Dessa forma, proporcionar que o

participante tome escolhas por si próprio, sem depender de um terceiro que lhe determine de antemão algo fechado, que devesse necessariamente ser feito de um certo modo pré-determinado.

Os ministrantes do curso consideraram então a elaboração do desenho a partir do software que foi aqui a interface de trabalho. Os participantes decidiram então o que iriam fazer com o que tinham em mãos, de acordo com o seu repertório de conhecimento e referências de desenho. Isso incentiva os participantes iniciantes a pensar sobre a importância do uso de referências visuais prévias, assim como sobre não haver criatividade a partir da ausência de estímulos ou referências visuais anteriores. As estruturas visuais vão se transformando com o tempo durante o processo de trabalho criativo. Assim, o desenho não fica pronto de imediato – ele tem um tempo próprio, que é determinado pelo artista.





Foram então apresentadas redes sociais de ilustradores, sites para referências visuais, canais de vídeo tutoriais e cursos no Youtube. Tais como vídeos do canal de desenho “Brush Rush”, que demonstram técnicas e instigam reflexões sobre processos criativos na elaboração de imagens. São vídeos que ajudam a persistir na prática do desenho quando se está num estado de bloqueio criativo, propondo técnicas e exercícios para serem feitos, além de lives que sugerem desafios para os espectadores, promovendo troca de conhecimentos entre ilustradores.

* * *

A partir das experiências iniciais de trabalho (entre os anos de 2018 e 2019) os ministrantes do curso de desenho digital destacaram que cada turma tem uma maneira de desenvolver seus trabalhos e em ritmos diferentes, pois em cada grupo havia pessoas com interesses distintos em relação ao desenho digital. Cada participante trouxe referências particulares – como os universos visuais do grafite ou do mangá japonês, por exemplo.

Havia algo em comum entre todos os participantes, que era o desafio de transformar a área de trabalho vazia em uma imagem digital construída. Ao longo deste caminho, os ministrantes dialogam com os participantes sobre o processo de criação em si. Em cada turma do curso foram apresentadas imagens de seus trabalhos, que eram comentadas e dissecadas em relação aos seus processos internos de feitura e produção. A partir disto a turma era chamada a desenvolver e criar então os seus próprios trabalhos com o desenho digital.

No mês de março do atual ano, em pleno início de semestre, todas as atividades presenciais na universidade foram abruptamente interrompidas por uma pandemia de coronavírus. Já tínhamos a oferta de uma turma planejada e, para não cancelarmos as atividades, optamos por transpor as aulas

para vídeos disponibilizados na plataforma online Youtube. Nessa adaptação, decidimos que qualquer pessoa poderia participar acompanhando os vídeos e, então, nos enviar digitalmente os seus trabalhos desenvolvidos a partir deles. Assim, definimos como critério para certificação do curso a participação em pelo menos 75% das atividades propostas.

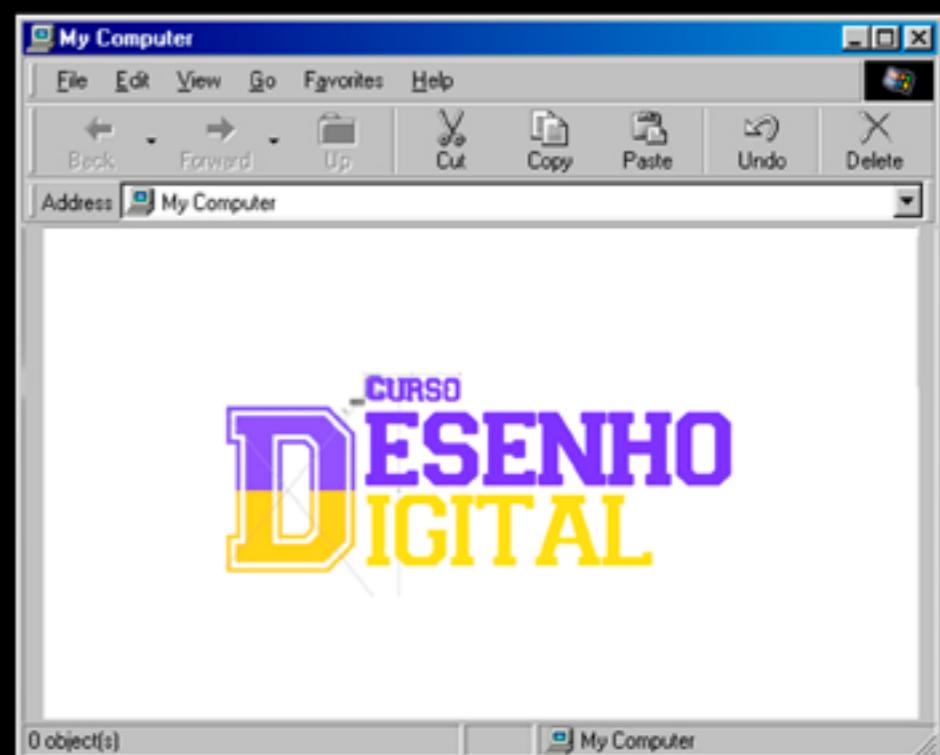
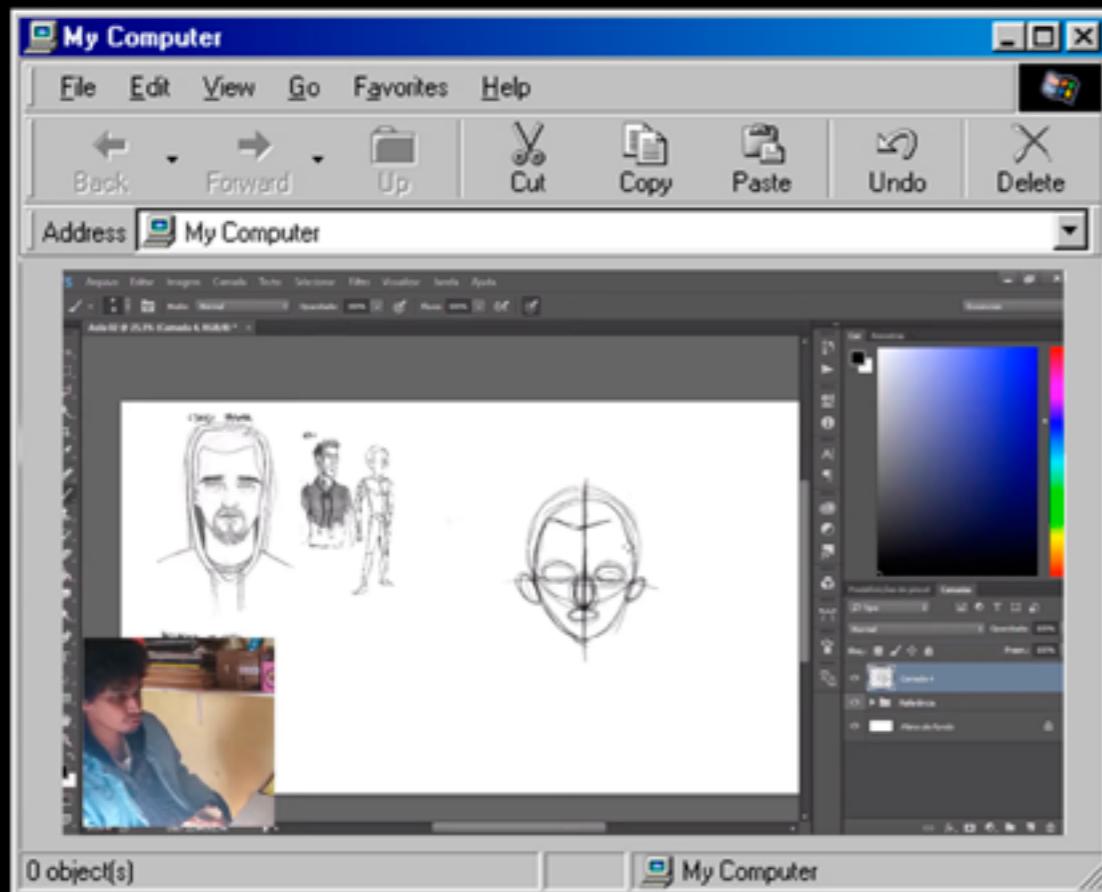
O cronograma de conteúdos foi definido para compreender 8 vídeo aulas (conforme segue na lista abaixo, juntamente com o link para o canal), seguidas, cada uma delas, de um vídeo em que são analisados e comentados os trabalhos feitos pelos participantes. A participação no curso ainda está em aberto para quem tiver interesse – inclusive com possibilidade de certificação –, pois os vídeos já publicados estão disponíveis no canal do Youtube e, no momento da escrita desse texto, o curso está na sua segunda aula.



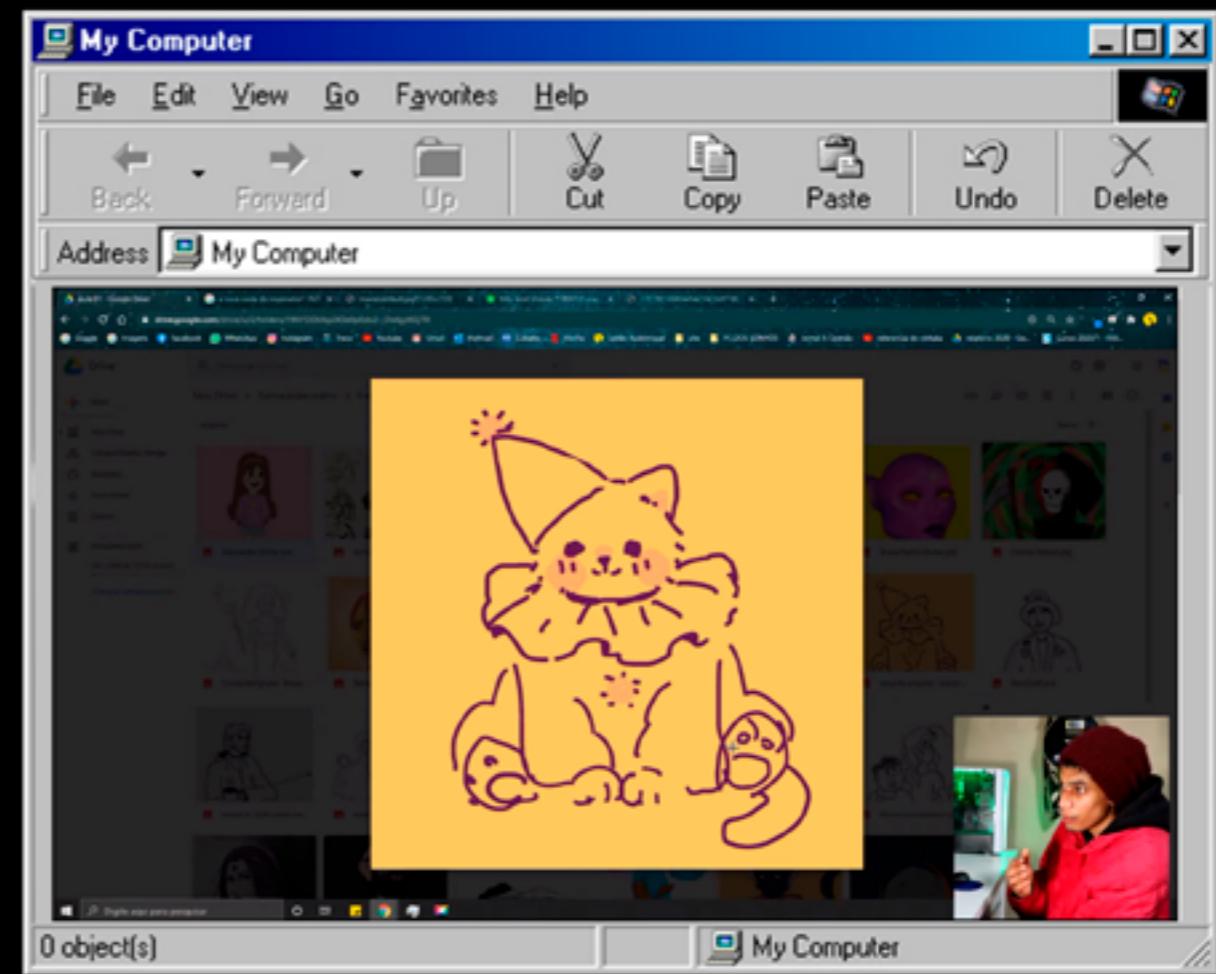
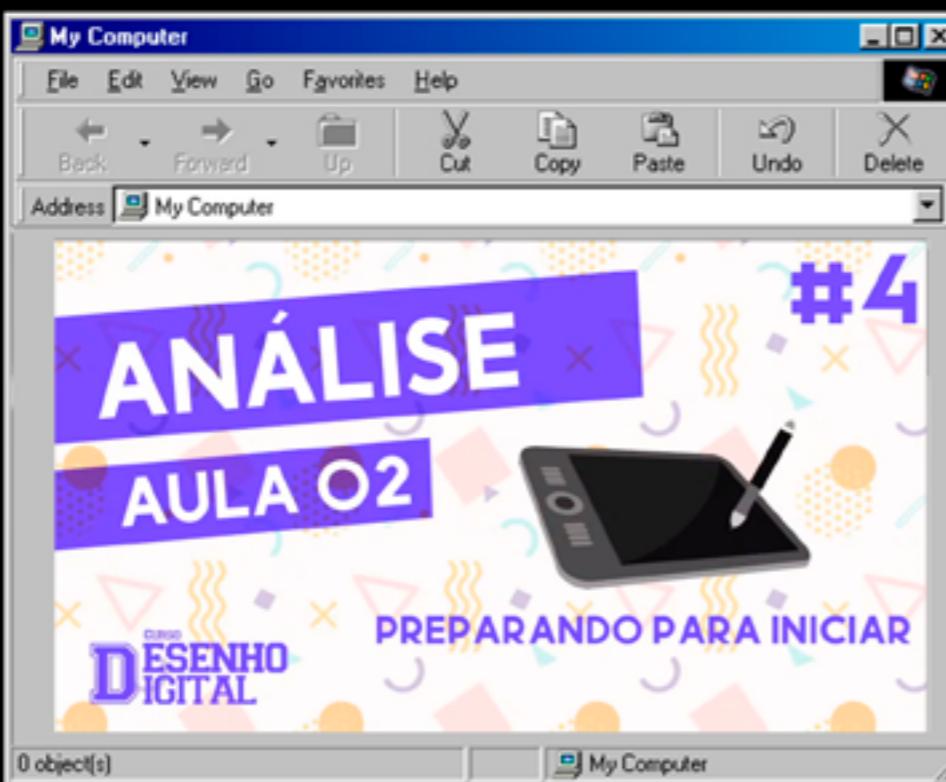
1. INTRODUÇÃO AO DESENHO DIGITAL
2. DO BONECO DE LINHAS AO BONECO DE FORMAS
3. DO DESENHO TRADICIONAL PARA O DIGITAL
4. A CRIAÇÃO A PARTIR DE REFERÊNCIAS
5. ESCALAS DE CINZA DEFININDO VOLUMES LUZ E SOMBRA
6. SIMPLIFICAÇÃO DA FORMA – CARTOON
7. ESTILO LIVRE DE CRIAÇÃO
8. PROJETOS GRÁFICOS COM DESENHO DIGITAL

Concluímos este texto destacando que, ao longo dos cursos já desenvolvidos, a prática do desenho pôde despertar um olhar crítico nos participantes, em relação aos seus processos criativos e a criação de imagens. A possibilidade de trabalhar de maneira livre – tal como o método aqui descrito proporcionou – fez com que cada desenhista lidasse com frustrações, construção e reconstrução no desenho digital, buscando assim novas possibilidades no improvável e inesperado que o desenho proporciona.





Os vídeos estão disponíveis no canal do projeto, pelo youtube. Basta clicar [aqui](#) para acompanhá-lás.



CONHEÇA UM ARTISTA

Érico Noronha

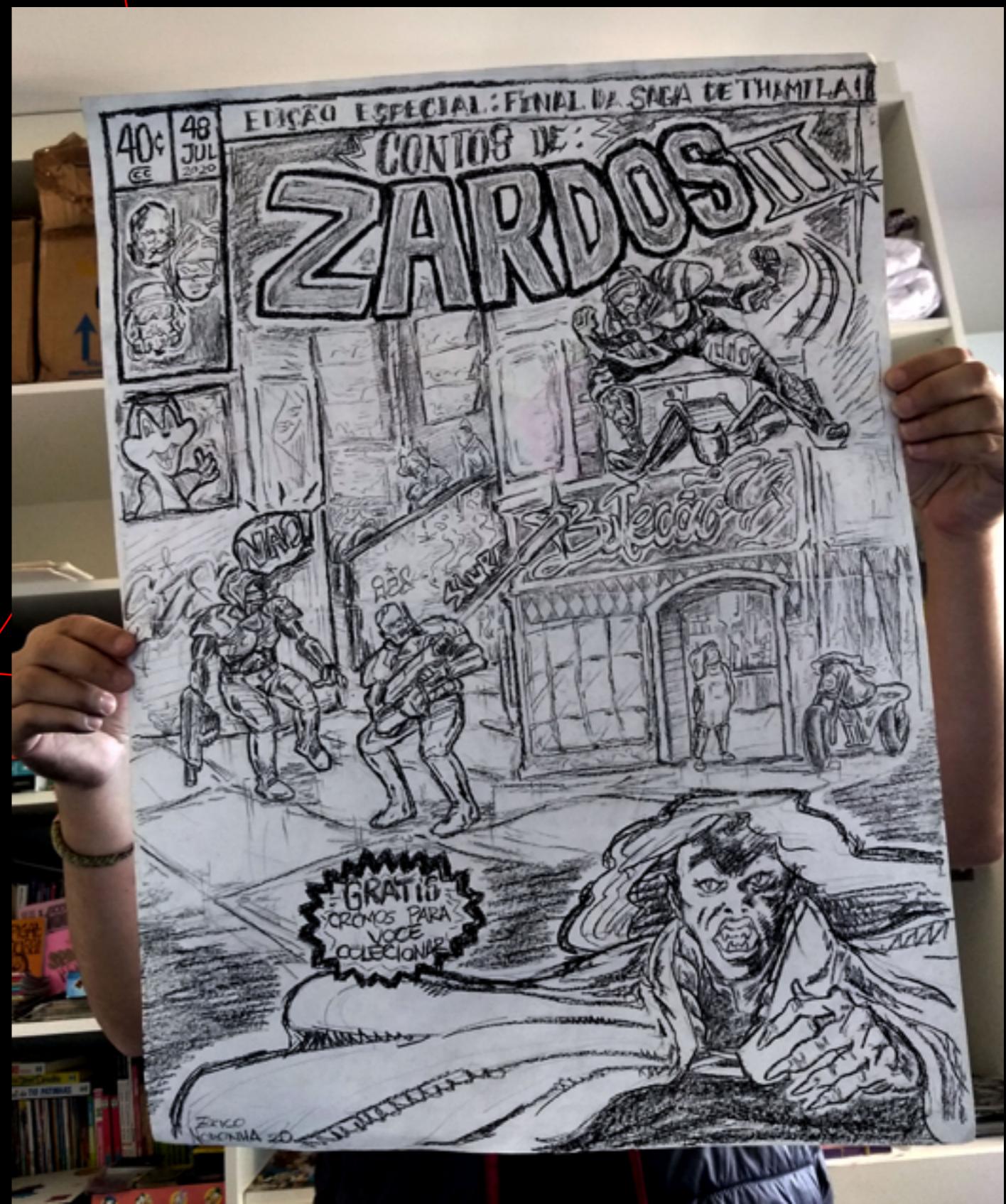
mora em Porto Alegre RS, artista visual graduado pela Universidade Federal de Pelotas, possui interesse nas questões que envolvem as artes gráficas. Se utilizando da linguagem dos quadrinhos cria peças gráficas, livretos, zines, com

interesse de fazer que as narrativas imagéticas adentrem essas publicações, enquanto um elemento que constrói essa estrutura editorial. As técnicas de impressão são elementos também relevantes para sua produção, tanto pelo caráter técnico quanto como linguagem.

Faz parte de um coletivo que abrange essas questões, Mugra Comix, que existe também enquanto um selo editorial para a publicação de livretos, zines, fazendo circular principalmente em feiras gráficas, e feiras de quadrinhos.



Zine Zoing! 2020, 15,5x14cm2, 14pgs, erico noronha, mugra comix



erico noronha, contos de zardos III, papel sulfite A2 (61x42cm2), lápis dermatográfico sobre papel, 2020



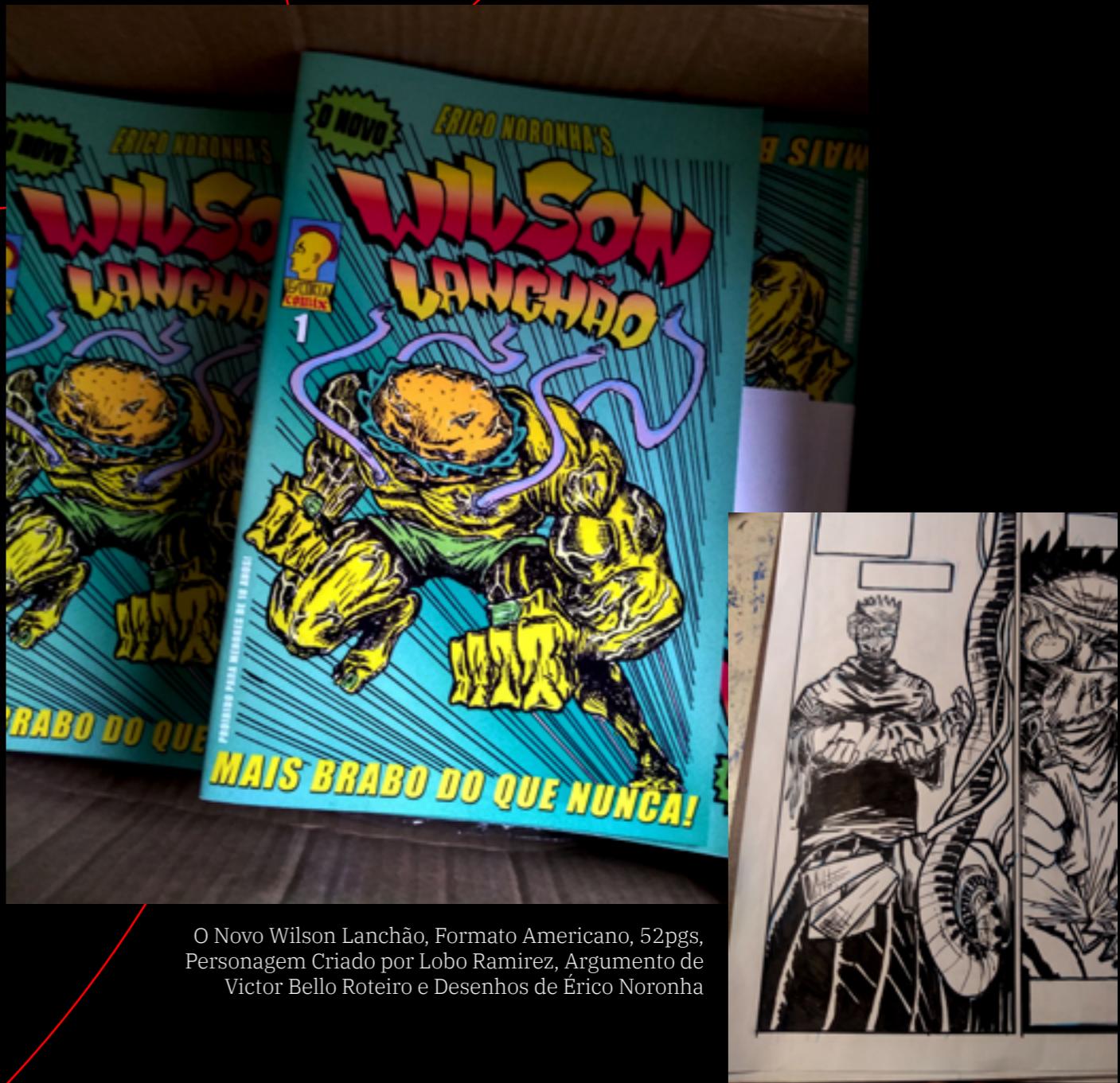
A linguagem das histórias em quadrinhos é o elemento principal no meu trabalho. O levantamento de seus contextos históricos sobre as histórias em quadrinhos no Brasil, que sempre ocuparam um espaço marginal frente a grandes editoras, até a produção contemporânea que traz reflexões mais concisas e novas estruturas que ressaltam o processo da auto publicação, será uma base para afirmar minha produção de pequenas publicações, zines em quadrinhos nesse contexto contemporâneo.

Também questionar o porquê do artista compreender as estruturas que constituem uma publicação, compreender como essas estruturas possibilitam leituras dos diversos elementos que compõem o processo de publicação, e como esse processo se diferencia de publicações de editoras comerciais, por exemplo, com suas estruturas normalmente mais rígidas. Trazer reflexões sobre a importância do artista conhecer a publicação enquanto estrutura, e as funções que cada estrutura adota para leitura é de fundamental importância. As auto publicações surgem para evidenciar

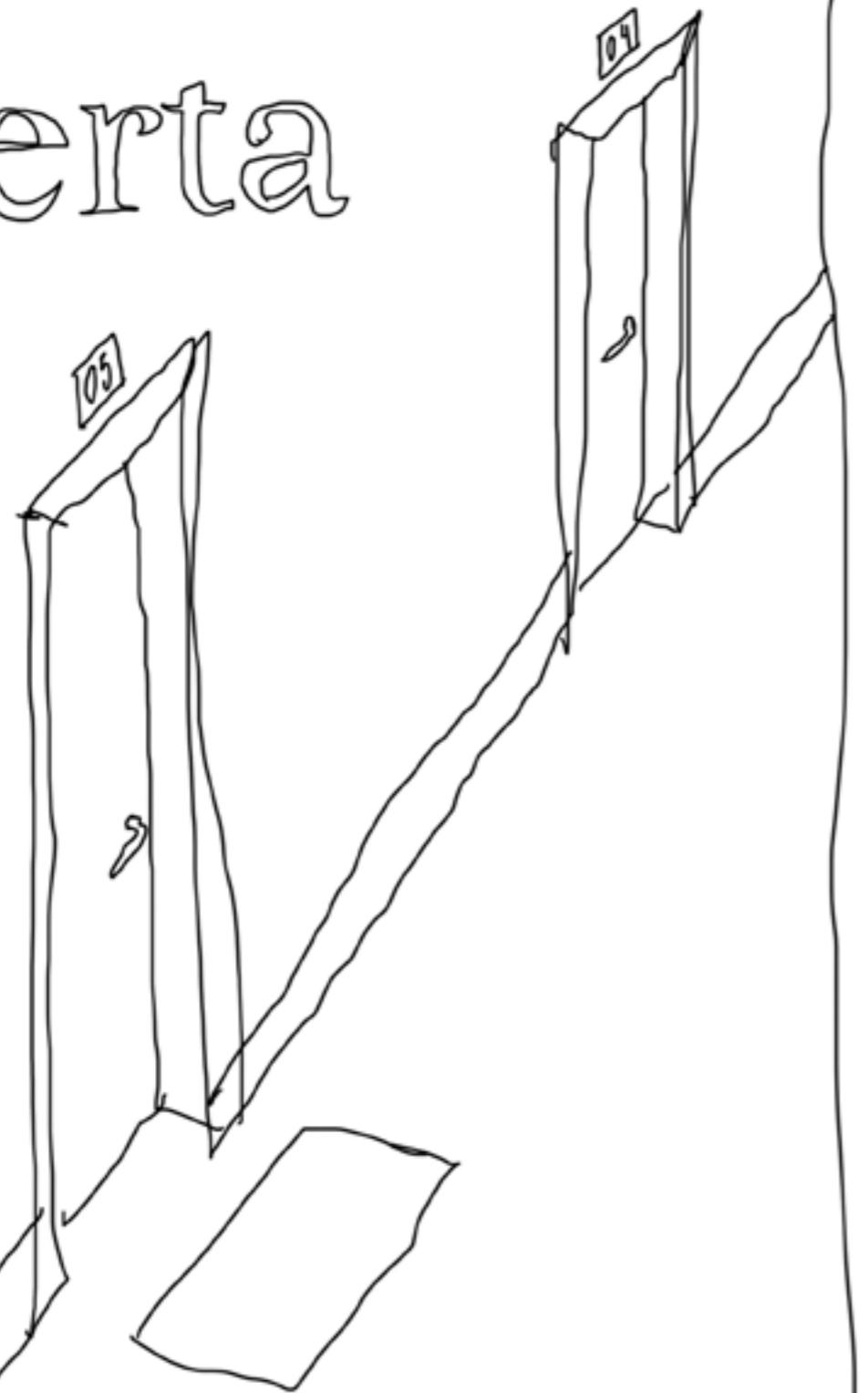
as estruturas e os elementos dispostos pelo artista de uma perspectiva particular.

Conhecer e identificar as etapas de publicação desses livretos, zines, fazem parte do trabalho. As relações que o artista apresenta em cada etapa desse processo são importantes para o entendimento e desenvolvimento de sua estrutura, bem o entendimento de como se estabelece a relação entre os elementos dispostos. Meu trabalho tende a se estender aos direcionamentos do que uma produção editorial

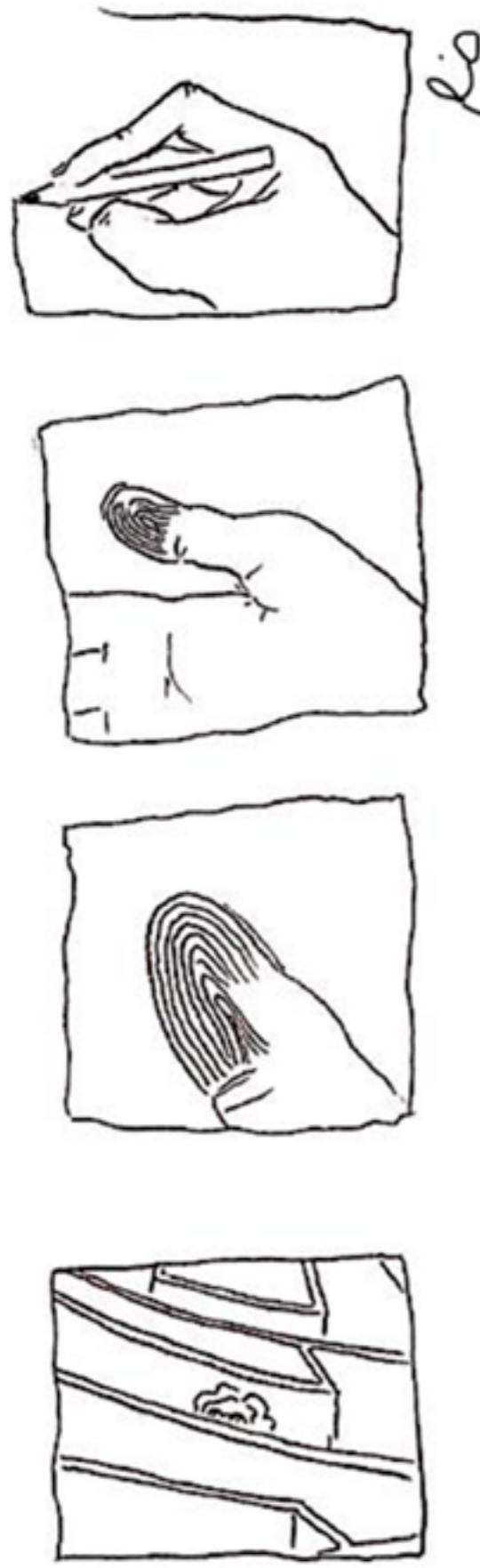
compõe, aos distintos processos de impressão, na construção do livreto, nos desenhos, comumente associado à linguagem dos quadrinhos, no intuito de que, na circulação dessa produção, colaborar com uma instância também de crise ou crítica das imagens e pensamentos, promovendo novas questões e movimentações que se fazem dentro de uma grande teia de interações e trocas.



chamada
aberta



tirinhas



que

merda

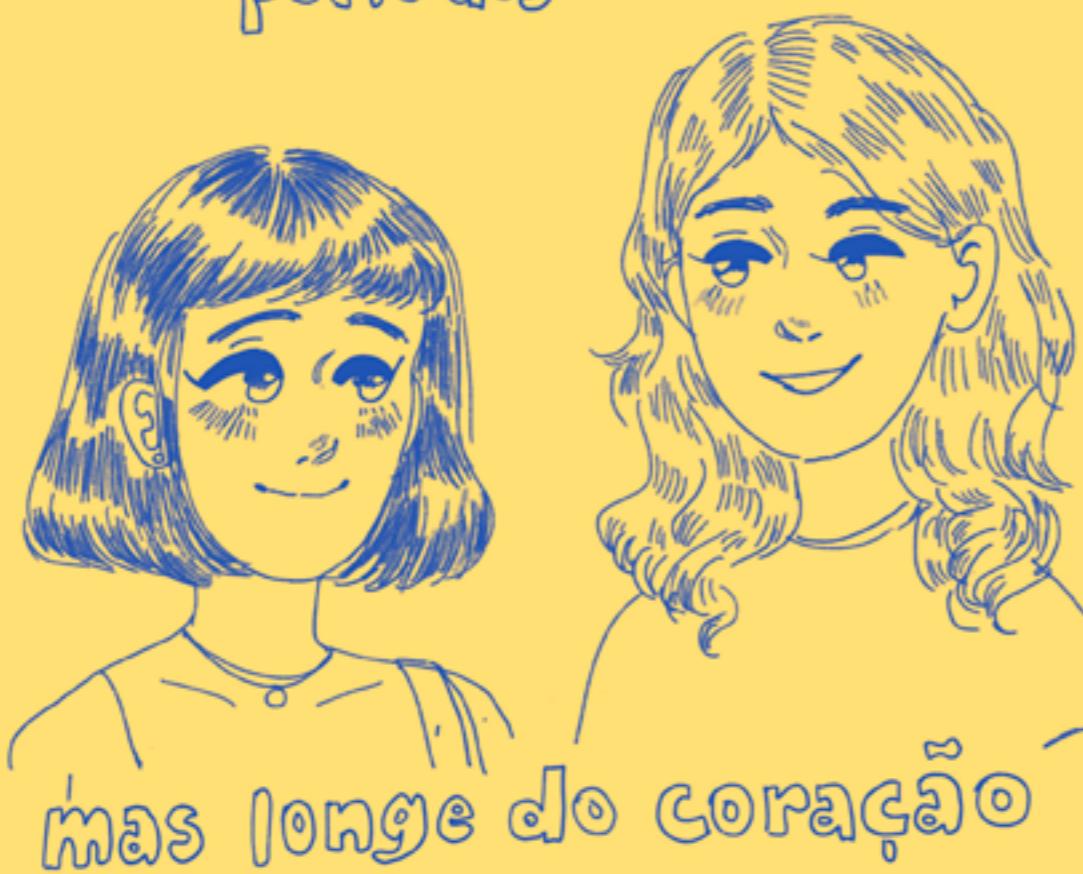


Se eu tenho alguma chance



a noite vai dizer

perigo é ter você
perto dos olhos



mas longe do coração



isso é
muita
tentação

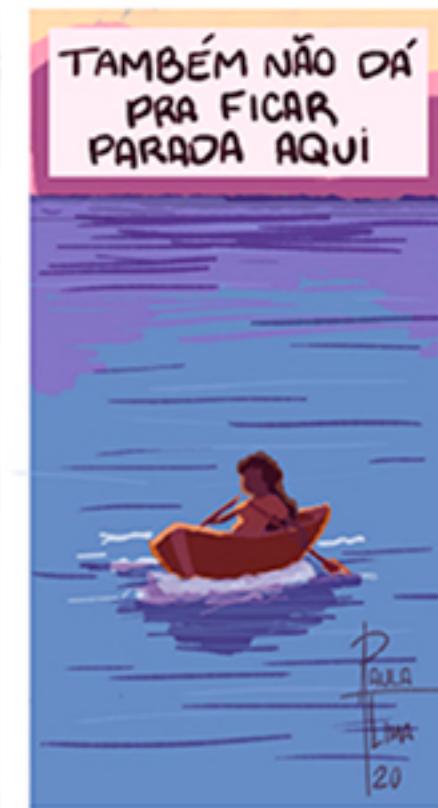
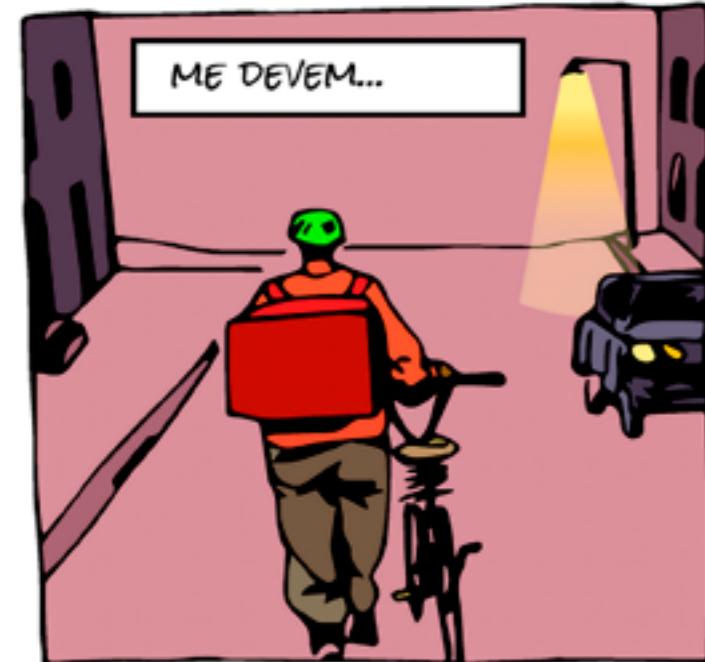


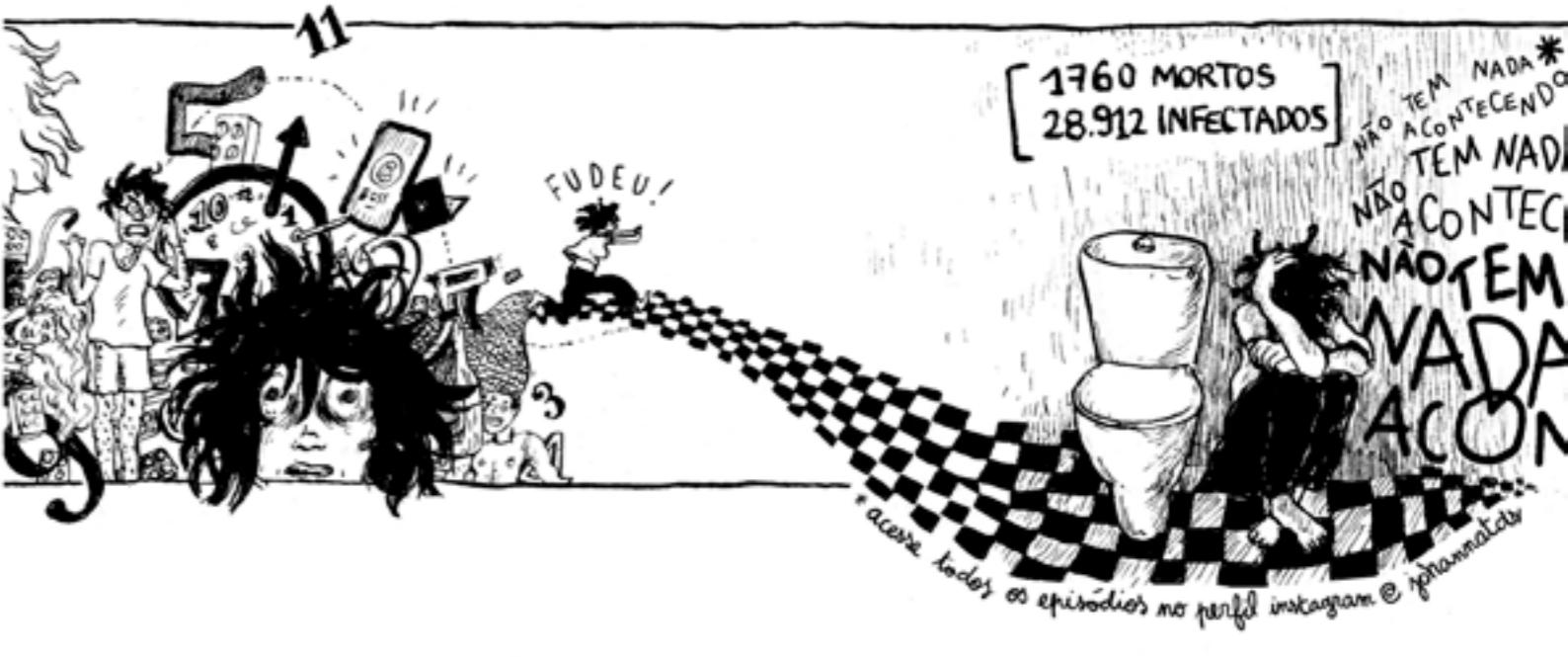
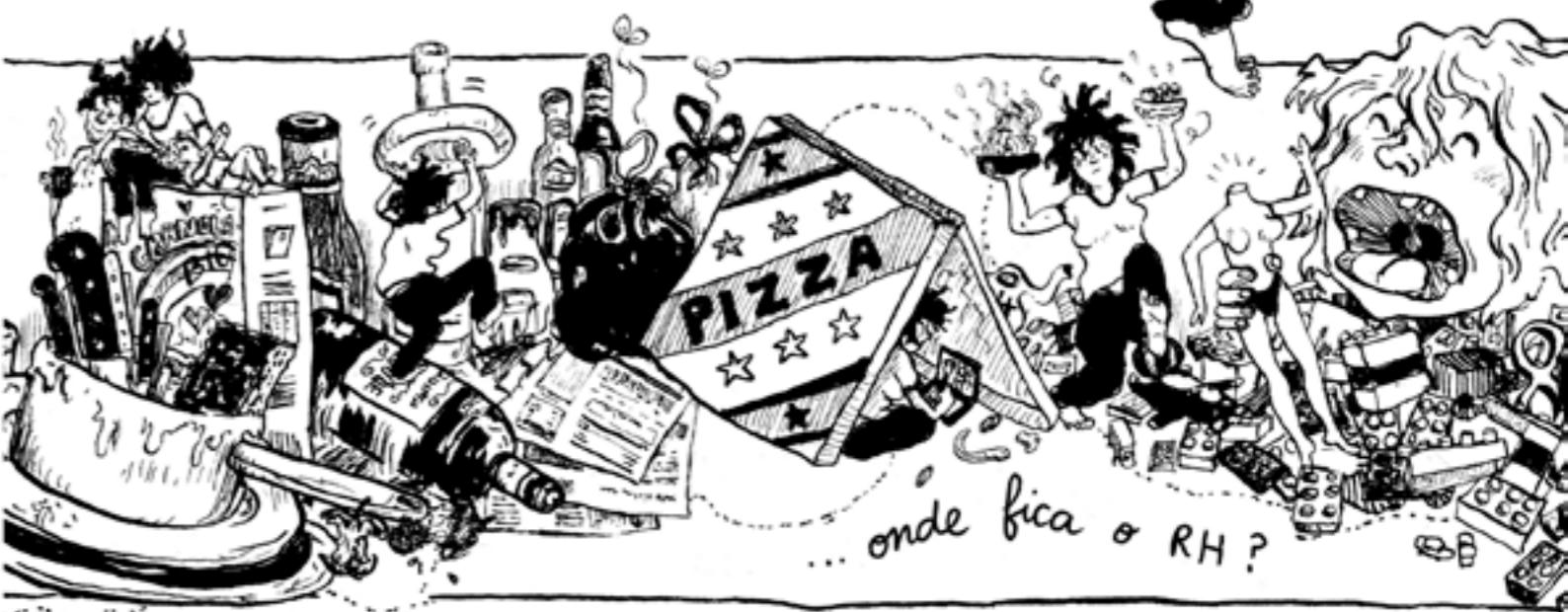
perigo é
ver você
assim
sorrindo



LATIFUNDING

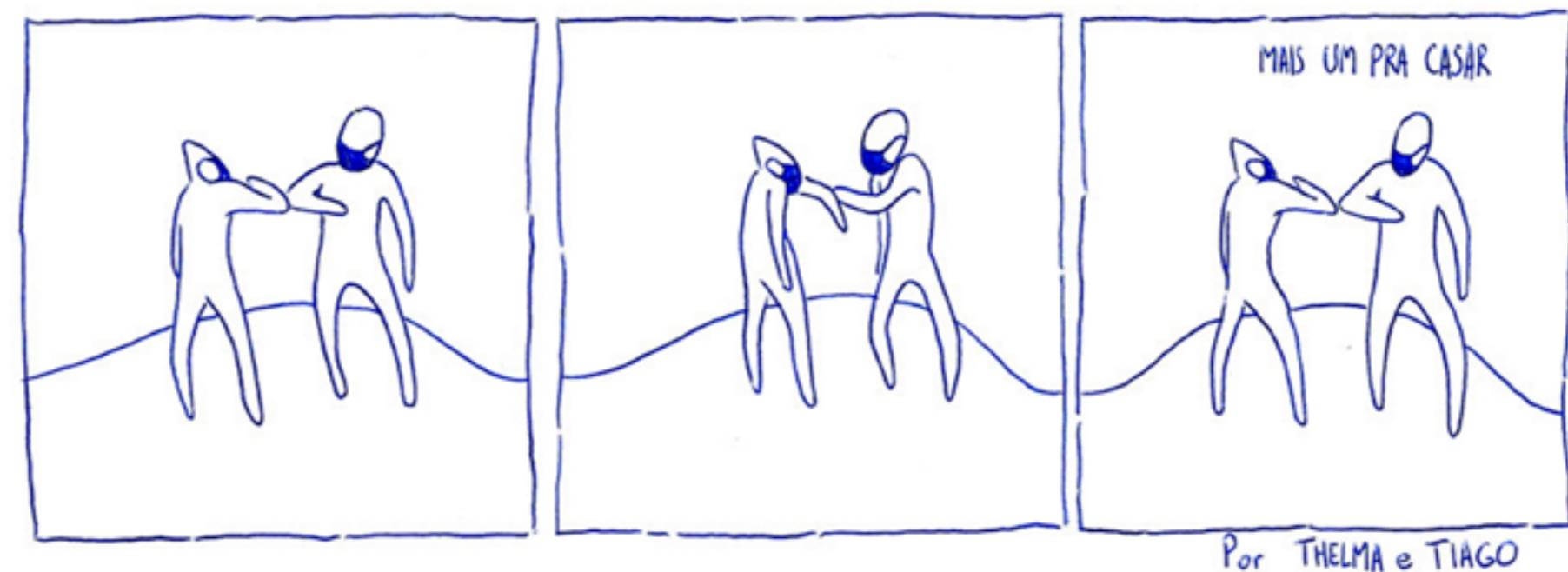








Vó da Tamandaré: Confinada



1. sem título, 2016

hugo rio
rio de janeiro - rj
hugovrio@hotmail.com
@rio_do_rio

2. reacionário, 2019

cícero moreira
jequié - ba
@crentico
cicroo.moreira@gmail.com

3. perigo

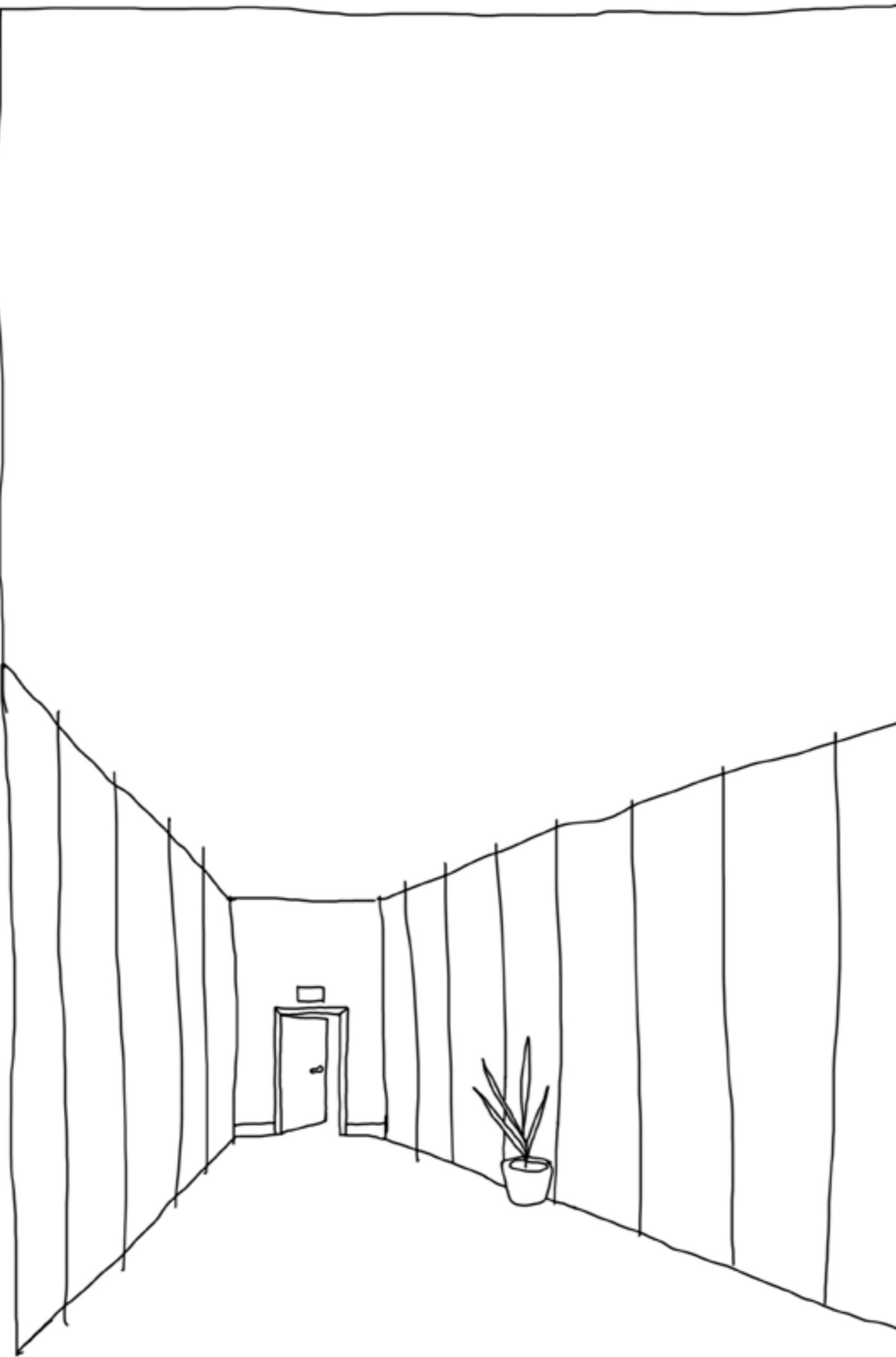
vitória vrgato
são paulo - sp
@vrgato
vitoriaagomes1850@gmail.com

4. latifunding, 2020

arthur ferreira okabayashi
campinas - sp
@arthur.oka
arthur.ferreira.ok@gmail.com
www.arthuroka.com.br

5. é batata, 2020

lígia torres / osasco - sp
@li_gu_i
ligitorres99@gmail.com



6. entregador também é trabalhador, 2020

aron brito / maringá - pr
@aron_brit
lm.britoaron@gmail.com

7. horizonte, 2020

paula limes / guarulhos-sp
@paulalimes
apaulalimes@gmail.com

8. família ghee, 2020

fúria criativa / rio de janeiro - rj
@johannatds
johannatds@gmail.com
www.johannatds.com

9. sem título, 2018

hugo rio / rio de janeiro - rj
hugovrio@hotmail.com
<https://www.facebook.com/PPluurraall>

10. vó da tamandaré, 2020

kosby / porto alegre-rs
@vodatamandare
araganarte@gmail.com

11. mais um pra casar, 2020

thelma e tiago / pelotas-rs
@telmaroveda e @thiagorbrum
thiagorbrum@hotmail.com

recomenda
coluna

filmes

podcast

curtas

projetos





OFFICIE KILLER 1997

Carol Kane é a Dorine, uma mulher atormentada por dolorosas lembranças do passado que descobre o prazer quando mata acidentalmente um colega de trabalho. A morte lhe traz uma espécie de poder incontrolável que se espalha por todo o escritório onde trabalha. Agora todos os que a tratavam com indiferença na empresa vão ter o que merecem!

É um filme dirigido pela artista visual Cindy Sherman.

DISPONÍVEL NO YOUTUBE

PESCADOS / FISH 2010

Curta-metragem de
Lucrecia Martel

DISPONÍVEL NO VIMEO

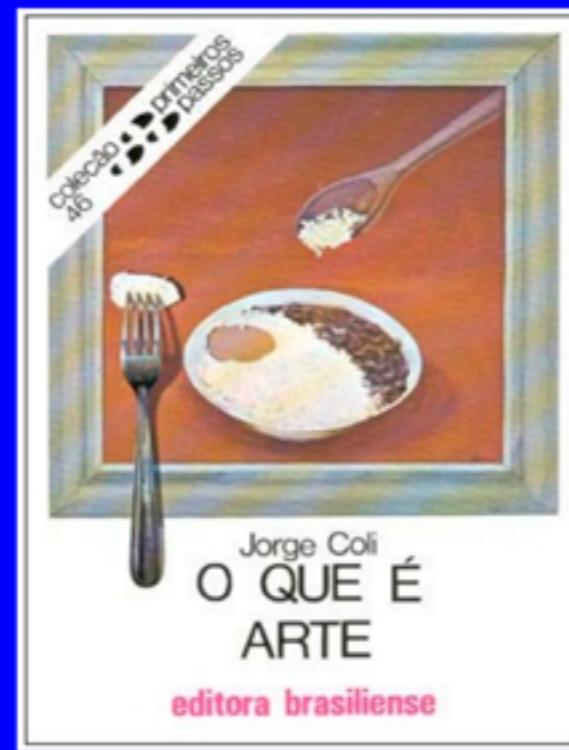


REVISTA GUARAPA

Revista digital organizada pela editora Garupa, reúne uma série de poemas e contos.



DISPONÍVEL NO SITE
REVISTAGUARAPA.COM



LIVRO: O QUE É ARTE? JORGE COLI

“Da harmonia grega ao kitsch de todos os tempos. Da Mona Lisa à Marilyn de Andy Warhol. Afinal, quem decide o que é e o que não é arte? Todos que tentaram definir-la criaram concepções parciais, limitadas no seu tempo e no seu espaço. Neste texto simples e direto, Jorge Coli desvenda o enigma.”

DISPONÍVEL NO SITE
designdeinterioresinap.com



PODCAST VOZES AGUDAS

“Vozes Agudas” é um grupo de estudos e intervenções com ênfase feminista, formado exclusivamente por mulheres atuantes no circuito artístico paulistano, como pesquisadoras, curadoras, produtoras, artistas, educadoras e gestoras, que se encontram regularmente há mais de um ano, no espaço do “Ateliê397”.

DISPONÍVEL EM
ateli397.com

LUGAR ÚMIDO

“Lugar Úmido é um web-livro que conta um pouco da história do ateliê Corredor 14, organizado por Karina Nascimento, Rafa e Renan Soares, entrelaça histórias e opiniões sobre o espaço a partir de suas perspectivas enquanto gestores do lugar e também artistas. Na publicação também se encontram relatos de artistas, professores e pesquisadores que continuam e se umidecem na conversa sobre formação, atuação e inserção nas artes visuais brasileiras.”

SITE LUGARUMIDO.COM.BR



FUZUÊ 014

1º Festival Online Multicultural “Criado para fortalecer a arte e a cultura regional e também apoiar a quarentena em combate ao COVID-19 neste momento que necessitamos tanto de UNIÃO e APOIO MÚTUO.” - FUZUÊ

FACEBOOK Fuzuê 014



PUCRS Cultura

Perfil no instagram voltado às ações culturais da PUC-RS que estão acontecendo sob o regime do isolamento. Desde transmissões ao vivo com apoio do Projeto Concha à transmissões de conversas com escritores ao projeto Ensaios de Morar, que consiste em palavras da poeta Ana Martins Marques musicado por 14 artistas do Rio Grande do Sul.

INSTAGRAM @ pucrscultura



editorial:
Aline Golart
André Gustavo
Bella Kacelnikas
Daniel Higa
Francisco Franco
Gabriela Costa
Gabriela Cunha
Icaro
Jackeline Nunes
Maria Sucar
Matheus Matos
Rafaela Ribeiro
Uma Domênica
Vanessa Cristina

capa:
sem título, 2016 - Hugo Rio

revisão:
André Gustavo
Maria Sucar
Vanessa Cristina

design e diagramação:
Daniel Higa
Uma Domênica

realização:
PET ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
OUTUBRO 2020

